



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-  
AMERICANOS (PPG IELA)**

**A MÚSICA IGUAÇUENSE:  
REFLEXÕES SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A INDÚSTRIA DO TURISMO**

**SPARTACO SAULO FERREIRA DE AVELAR**

Foz do Iguaçu  
Ano 2024

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-  
AMERICANOS (PPG IELA)**

**A MÚSICA IGUAÇUENSE:  
REFLEXÕES SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A INDÚSTRIA DO TURISMO**

**SPARTACO SAULO FERREIRA DE AVELAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

Orientadora: Profa. Dra. Francieli Rebelatto

Foz do Iguaçu  
Ano 2024

SPARTACO SAULO FERREIRA DE AVELAR

**A MÚSICA IGUAÇUENSE:**  
REFLEXÕES SOBRE AS POLÍTICAS PÚBLICAS E A INDÚSTRIA DO TURISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Latino-Americanos.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof. Dra. Francieli Rebelatto  
UNILA

---

Prof. Dr. Marcelo Ricardo Villena  
UNILA

---

Prof. Dr. Marcos de Jesus Oliveira  
UNILA

Foz do Iguaçu, 14 de maio de 2024.

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação  
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - PTI

A949

Avelar, Spartaco Saulo Ferreira de.

A música iguaçuense: reflexões sobre as políticas públicas e a indústria do turismo / Spartaco Saulo Ferreira de Avelar. - Foz do Iguaçu-PR, 2024.

100 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Foz do Iguaçu-PR. 2024.

Orientador: Francieli Rebelatto.

1. Música iguaçuense. 2. Música autoral. 3. Políticas públicas. 4. Cultura. 5. Turismo. I. Rebelatto, Francieli.  
II. Título.

CDU 35.077:78(816.2)

Dedico este trabalho à memória dos músicos iguaçuenses Alex Cubilla, Fernando Craviola e Magnum Meza. Músicos que durante a minha pesquisa desceram do palco que chamamos de vida.

## AGRADECIMENTOS

Talvez essa seja uma das etapas mais difíceis do trabalho, agradecer sem esquecer de alguém que fez parte desse longo caminho até aqui.

À minha mãe e ao meu pai que não mediram esforços quando resolvi vir morar em Foz do Iguaçu em 1993 para viver da Música.

À minha filha pela parceria de sempre e que é unileira assim como eu.

Toda a classe musical iguaçuense que me recebeu de braços abertos, que ao longo desses trinta anos me conduziu nos mais diversos palcos da cidade e nos países vizinhos.

Às pessoas entrevistadas que se dispuseram do seu precioso tempo e contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha orientadora Dra. Francieli Rebelatto por aceitar o desafio do meu trabalho, a partir do segundo semestre e com o curso em andamento, por cada correção, sugestão e indicação que foram contribuições fundamentais para essa realização.

Aos membros da banca os professores Dr. Marcos de Jesus e Dr. Marcelo Villena pelas contribuições desde a qualificação até a defesa.

À professora Dra. Analía Chernavsky, que respondeu positivamente à minha carta de aceite no ato da inscrição, como também foi a minha primeira orientadora.

À Maria Cristina Lobregat que com um manuscrito me mostrou o mapa da mina e em que direção seguir na pesquisa.

À minha turma do mestrado que mesmo espalhada pelas regiões brasileiras e em outros países da América Latina, fez com que nossa união fosse fundamental para continuarmos em busca dos nossos objetivos e sonhos.

Ao corpo docente do PPGIELA que contribuiu com importantes discussões nas disciplinas, como também descortinou novas abordagens na construção dessa dissertação.

Ao quase conterrâneo de Alagoinhas Juan Ignacio Brizuela, por me presentear com seu livro e pelo bate-papo cultural que tivemos.

Ao apoio do Programa de Bolsa Institucional da Universidade Federal da Integração Latino Americana (PROBIU).

Um agradecimento especial a Gilmar Main (*in memoriam*) que me abriu as portas nos eventos corporativos, nos quais eu pude conhecer uma outra relação entre música e trabalho.

*A música é o meu trabalho!*  
**Slogan da campanha solidária em prol dos músicos  
iguazuenses na pandemia da Covid-19**

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar o ambiente musical na cidade de Foz do Iguaçu, reconhecendo os aspectos socioculturais que envolvem a música autoral no município e relacionando essa discussão à representação e a importância da música iguaçuense, não só como entretenimento, mas sim como um agente modificador do meio. Centrado na apresentação das questões que envolvem o debate sobre a música autoral, o primeiro passo é identificar a existência de uma possível música iguaçuense, sendo ela parte de um movimento musical ou de um gênero musical, buscando o conceito desses dois termos para entender se há uma identidade ou não dessa música local. Através da história oral e, como coleta de dados a entrevista semiestruturada, com uma abordagem qualitativa, analisamos as memórias dos(as) musicistas locais em seus percursos pessoais na produção musical, buscando nas vozes desses(as) personagens apontar as principais características culturais presentes na música iguaçuense. Produzida no passado e/ou atualmente, se faz necessário compreender como essas produções se articulam com as políticas públicas do município, através dos editais e leis de incentivo, e com a indústria do turismo, que é um setor dominante do entretenimento, bem como se elas estão inseridas nos eventos anuais da gestão pública e no corredor turístico. Pelo fato do autor ser um trabalhador do meio cultural, especificamente da música, entendemos a importância de abordar a relação música e trabalho através de uma perspectiva marxista, sendo o(a) musicista um(a) trabalhador(a) produtivo(a), em que historicamente o(a) musicista de música popular é marginalizado, não sendo reconhecido como um profissional. Como conclusão após analisarmos cada resposta dos(as) musicistas que tive contato ao longo dessa pesquisa, por meio das entrevistas ou de maneira informal, é mais correto afirmar que existe uma cena musical iguaçuense, envolvendo vários gêneros musicais e movimentos culturais e que foram me direcionando e me fazendo repensar essa música local, que de fato foi importante para trazer essa reflexão da música iguaçuense entre as políticas públicas e a indústria do turismo para a universidade.

**Palavras-chave:** Música iguaçuense. Música autoral. Políticas públicas. Cultura. Turismo.

## ABSTRACT

This work aims to problematize the musical environment in the city of Foz do Iguaçu, recognizing the sociocultural aspects that involve original music in the city and relating this discussion to the representation and importance of Iguaçu music, not only as entertainment, but as an agent middle modifier. Centered on presenting the issues surrounding the debate on authorial music, the first step is to identify the existence of a possible Iguaçu music, whether it is part of a musical movement or a musical genre, seeking the concept of these two terms to understand if there is an identity or not of this local music. Through oral history and, as data collection, semi-structured interviews, with a qualitative approach, we analyzed the memories of local musicians in their personal journeys in musical production, seeking in the voices of these characters to point out the main cultural characteristics present in Iguaçu music. Produced in the past and/or currently, it is necessary to understand how these productions are articulated with the municipality's public policies, through notices and incentive laws, and with the tourism industry, which is a dominant sector of entertainment, as well as whether they are included in annual public management events and in the tourist corridor. Because the author is a cultural worker, specifically music, we understand the importance of approaching the relationship between music and work through a Marxist perspective, with the musician being a productive worker, in which historically the popular music musician is marginalized, not being recognized as a professional. As a conclusion, after analyzing each response from the musicians I had contact with throughout this research, through interviews or informally, it is more correct to say that there is an Iguaçu musical scene, involving several musical genres and cultural movements and that were directing and making me rethink this local music, which was in fact important to bring this reflection of Iguaçu music between public policies and the tourism industry to the university.

**Keywords:** Iguaçu music. Original music. Public policy. Culture. Tourism.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo problematizar el ambiente musical en la ciudad de Foz do Iguazu, reconociendo los aspectos socioculturales que involucran la música original en la ciudad y relacionando esta discusión con la representación e importancia de la música iguazú, no sólo como entretenimiento, sino como agente modificador del medio. Centrado en presentar las cuestiones que rodean el debate sobre la música original, el primer paso es identificar la existencia de una posible música iguazú, ya sea parte de un movimiento musical o de un género musical, buscando el concepto de estos dos términos para comprender si existe una identidad o no de esta música local. A través de la historia oral y, como recolección de datos, entrevistas semiestructuradas, con un enfoque cualitativo, analizamos las memorias de músicos locales en sus recorridos personales en la producción musical, buscando en las voces de estos personajes señalar las principales características culturales presentes en la música Iguazú. Producidas en el pasado y/o en la actualidad, es necesario comprender cómo estas producciones se articulan con las políticas públicas del municipio, a través de avisos y leyes de incentivos, y con la industria del turismo, que es un sector dominante del entretenimiento, así como si están incluidos en eventos anuales de gestión pública y en el corredor turístico. Debido a que el autor es un trabajador cultural, específicamente de la música, entendemos la importancia de abordar la relación entre música y trabajo desde una perspectiva marxista, siendo el músico un trabajador productivo, en el que históricamente el músico de música popular es marginado, no siendo reconocido como un profesional. Como conclusión, después de analizar cada respuesta de los músicos con los que tuve contacto a lo largo de esta investigación, a través de entrevistas o de manera informal, es más correcto decir que existe una escena musical iguazú, que involucra varios géneros musicales y movimientos culturales y que fueron dirigiendo y haciéndome repensar esta música local, lo que de hecho fue importante para llevar a la universidad este reflejo de la música iguazú entre las políticas públicas y la industria turística.

**Palabras clave:** Música iguazú. Música original. Políticas públicas. Cultura. Turismo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – LP split das Bandas Tumulto e Morthal (1992) .....	<b>31</b>
<b>Figura 2</b> – Encarte da banda Tumulto .....	<b>32</b>
<b>Figura 3</b> – Capa do compacto duplo de 1985 .....	<b>33</b>
<b>Figura 4</b> - Contracapa do compacto duplo de 1985 .....	<b>33</b>
<b>Figura 5</b> - Divulgação do FERCAFI .....	<b>34</b>
<b>Figura 6</b> – Troféu do 7º Festival Lítero Musical da Canção de Matelândia... ..	<b>34</b>
<b>Figura 7</b> – Troféu do 1º Festival da Canção de Foz do Iguaçu .....	<b>35</b>
<b>Figura 8</b> – Painel de Alvará de Eventos .....	<b>63</b>
<b>Figura 9</b> – Eventos em hotéis .....	<b>63</b>
<b>Figura 10</b> – Avenida JK .....	<b>74</b>
<b>Figura 11</b> – Praça da Paz - Centro .....	<b>74</b>
<b>Figura 12</b> – Praça da Paz - Centro .....	<b>74</b>
<b>Figura 13</b> – Praça da Mitre - Centro .....	<b>74</b>
<b>Figura 14</b> – Praça da Bíblia - Jd. São Paulo .....	<b>75</b>
<b>Figura 15</b> – Avenida Mário Filho - Morumbi .....	<b>75</b>
<b>Figura 16</b> – Avenida General Meira - Porto Meira .....	<b>75</b>
<b>Figura 17</b> – Avenida Morenitas - Porto Meira .....	<b>75</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Políticas culturais: paradigmas, agentes e modos de organização	<b>65</b>
---	-----------

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ADPF</b>	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
<b>CMPC</b>	Conselho Municipal de Políticas Culturais
<b>FARTAL</b>	Feira de Artesanato e Alimentos
<b>FeCult</b>	Festival de Culturas da Unila
<b>FERCAPO</b>	Festival Regional da Canção Popular na cidade de Cascavel Instituto
<b>FMIC</b>	Fundo Municipal de Incentivo à Cultura
<b>LAB</b>	Lei Aldir Blanc
<b>MEI</b>	Microempreendedor Individual
<b>MinC</b>	Ministério da Cultura
<b>MPB</b>	Música Popular Brasileira
<b>OMB</b>	Ordem dos Músicos do Brasil
<b>PMC</b>	Plano Municipal de Cultura
<b>PMM</b>	Plano Municipal da Música
<b>PNC</b>	Plano Nacional de Cultura
<b>PNM</b>	Plano Nacional da Música
<b>SEEC</b>	Secretaria de Estado da Cultura
<b>SINDHOTÉIS</b>	Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Foz do Iguaçu
<b>SMC</b>	Sistema Municipal de Cultura
<b>SNC</b>	Sistema Nacional de Cultura
<b>UEPG</b>	Universidade Estadual de Ponta Grossa
<b>UNESPAR</b>	Universidade Estadual do Paraná
<b>UNILA</b>	Universidade Federal da Integração Latino-Americana

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 – MEMÓRIAS E IDENTIDADE MUSICAL: VOZES DOS MÚSICOS E ARTISTAS LOCAIS .....</b>	<b>19</b>
1.1 A RELAÇÃO ENTRE MÚSICA, SETOR DO TURISMO: O COLONIALISMO INTERNO .....	37
<b>CAPÍTULO 2 – POLÍTICAS PÚBLICAS E RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO MUSICAL DE FOZ DO IGUAÇU.....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 3 – CORREDOR TURÍSTICO E A PRIVATIZAÇÃO CULTURAL.....</b>	<b>59</b>
3.1. A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA E SEUS DESDOBRAMENTOS NAS ATIVIDADES CULTURAIS EM FOZ DO IGUAÇU .....	71
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>81</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

Ao chegar à cidade de Foz do Iguaçu no ano de 1993 para trabalhar como músico, não tinha nenhum conhecimento sobre o cenário musical da cidade e tão pouco do Paraná, visto que fazia parte de uma banda musical na Bahia e com um repertório totalmente midiático e/ou mercadológico na época, em sua totalidade voltado para o chamado Axé Music<sup>1</sup>, um movimento musical que trazia ritmos característicos do carnaval baiano para os grandes meios de comunicação e as principais gravadoras do Brasil. As apresentações da banda eram 100% voltadas para o setor turístico da cidade nos estabelecimentos do chamado “corredor turístico”<sup>2</sup>, o que de fato me fez ficar de costas para a cultura local construída além desse corredor e suas manifestações. No final daquele ano, a banda baiana seguiu para Buenos Aires, na Argentina, e acabei me desligando do grupo para ficar na cidade até fixar residência. A partir desse momento fui trabalhando com outros músicos e sendo apresentado a espaços fora do “corredor turístico”, assim me deslocando do espaço tão somente daquela música comercial e também conhecendo o repertório de canções dos países vizinhos, Paraguai e da Argentina, como também os músicos desses países.

Logo depois comecei a ter contato com a música autoral iguaçuense através de músicos da cidade que preparavam suas canções para os festivais da região. Na década de 1990 o festival mais importante e

---

<sup>1</sup> O termo axé music é polêmico. A primeira vez que foi usado para definir a música carnavalesca produzida na Bahia foi numa crítica do jornalista Hagamenon Brito em 1987 no Jornal A Tarde. O termo originou-se da forma que os roqueiros baianos chamavam pejorativamente os músicos da nova música baiana: “axézeiros”. Oliveira-Marcelo, Marcelo Cunha; Campos, Maria de Fátima Hanaque. **AXÉ MUSIC EM SALVADOR (BA): CONCEITOS, IDENTIDADE E MERCADO.** Revista Digital Art&. São Paulo.no XII - Número 15 - Novembro de 2014. P. 02.

<sup>2</sup> Entende-se por corredores turísticos, as vias através das quais circulam fluxos turísticos no cumprimento de seus itinerários, e fazem a conexão entre, as áreas, complexos, atrativos turísticos, as portas de entrada do turismo receptivo e os locais emissores do turismo local. LEI Nº 2262 DATA: 25 DE NOVEMBRO DE 1999. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/1999/227/2262/lei-ordinaria-n-2262-1999-institui-os-corredores-turisticos-como-elemento-de-estruturacao-e-de-padronizacao-do-espaco-turistico-de-foz-do-iguacu>> Acesso em: 07 jan. de 2024.

Son las vías de conexión entre las zonas, las áreas, los complejos, los centros, los conjuntos, los atractivos turísticos, los puertos de entrada del turismo receptivo y las plazas emisoras del turismo interno, que funcionan como el elemento estructurador del espacio turístico. BOULLÓN, Roberto C. Espacio turístico. Ed. Trillas, México, v. 14, p. 7-245, 2006.

concorrido era o FERCAPO<sup>3</sup> – Festival Regional da Canção Popular na cidade de Cascavel com participantes de todo Brasil e com o show de encerramento sempre de um grande nome da MPB. A partir disso, comecei a olhar para a cultura local e a perceber um vazio das produções direcionadas para o público dos bairros, além da falta de políticas públicas para fomentar a cultura local.

Por ser um trabalhador do meio cultural do município no segmento musical, senti a necessidade de refletir sobre como são conduzidas as políticas públicas em Foz do Iguaçu para o incentivo da cultura musical que possa ser identificada como iguaçuense. E esta é uma questão importante para me impulsionar em direção à conclusão desta dissertação.

O que se produz aqui e qual seriam essa linguagem e esse sotaque sonoro aqui de Foz do Iguaçu? Existe música iguaçuense? Por certo, busco essa resposta entre os(as) musicistas iguaçuenses e o que eles(as) sentem em relação às produções locais para que elas possam ser denominadas como produção iguaçuense ou não. Quando trago essa música para a discussão das características que as demarcariam como iguaçuenses, não estou tratando de gênero musical ou estilo musical e sim como um movimento musical construído neste território. Nesse sentido penso a produção musical iguaçuense em seus aspectos históricos, trazendo para o debate a memória da música nessa região a partir das vozes dos(as) artistas/musicistas de Foz do Iguaçu.

Como proposta de metodologia para avançar neste debate entendi ser necessário contemplar a articulação entre a caracterização da música iguaçuense a partir das memórias dos(as) musicistas, bem como a construção de políticas públicas para o setor e, para finalizar, estabelecer a relação com o cenário/corredor turístico. A coleta de dados utilizará como instrumento a entrevista semiestruturada para o resgate das memórias dos(as) musicistas locais dentro de uma perspectiva de história oral. Em outras palavras, essas entrevistas foram realizadas *in locus*, a partir de diálogo direto

---

<sup>3</sup> O Festival Regional da Canção Popular foi iniciado na cidade de Cascavel no Paraná, em 1971. Silva, Delciane Martini. **FERCAPO: Festival Regional da Canção Popular no fim da Era dos Festivais**. Monografia de Especialização em História da Educação Brasileira, UNIOESTE/PR, 2006. p. 45.

com estes(as) musicistas utilizando um conjunto de perguntas elaboradas previamente.

Sendo a metodologia um estudo para a organização dos caminhos a serem percorridos para chegar a um determinado fim, com procedimentos estabelecidos para se realizar uma pesquisa (Fonseca, 2002), busco o “caminho do pensamento” que o tema e/ou o objeto de investigação requer, aplicando métodos, técnicas e instrumentos operativos que devem ser utilizados para as indagações da investigação (Minayo, 2007), visto que, segundo Cervi (2022, p. 18) “a metodologia pretende mostrar se é possível 1) conhecer a realidade, 2) quanto da realidade é possível conhecer e 3) qual o melhor caminho para conhecê-la”.

A partir dos pressupostos desses autores é possível entender que esta pesquisa é de natureza aplicada e que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. É um trabalho que envolve verdades e interesses locais, com isso, a proposta é de trabalhar uma abordagem qualitativa analisando as informações, compreendendo e interpretando as experiências, entretanto uma abordagem quantitativa no mapeamento dos espaços do corredor turístico, nos editais de fomento da Fundação Cultural do município. As pesquisas qualitativas e quantitativas para Freire (2010, p. 14) se movem de forma diferente, têm perspectivas e objetivos de natureza diferente e, eventualmente, uma abordagem pode contribuir com a outra.

A pesquisa tem como fundamentação teórica a Musicologia e a Etnomusicologia buscando suporte em publicações nas duas áreas. Castagna (2008, p.10) destaca que a musicologia pode ser considerada um estudo da música do ponto de vista acadêmico ou científico, enquanto a etnomusicologia prioriza não exatamente a música, mas sim o homem que a produz. Para Piedade (2006 p.64) autores mais recentes já superaram a dicotomia música/cultura, mostrando como há uma interação tão forte nestes campos que a música não pode ser compreendida independentemente da cultura e da sociedade na qual ela é produzida. González (2009, p.57) propôs três linhas de abordagem em pesquisa musicológica na América Latina que são

“americanismo”, “interamericanismo” e “estudos latino-americanos”. Essa última linha impulsionou os estudos musicais interdisciplinares sobre a América Latina e tem como uma das funções compilar e publicar materiais para a pesquisa musical na região, acreditamos que é uma linha para ser trabalhada aqui em Foz do Iguaçu devido ao ambiente multicultural que a cidade apresenta.

Este trabalho se ancorou em uma pesquisa exploratória, na qual envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, neste caso, a música de Foz do Iguaçu; e (c) análise de exemplos que "estimulem a compreensão" (Gil, 2019), pois identificará no estudo os elementos que permitem definir a identidade e reconhecer os aspectos socioculturais que envolvem a música iguaçuense, resgatar o caminho percorrido pelos(as) artistas que produziram/produzem a expressão musical no município, analisar as memórias dos(as) artistas locais em seus percursos pessoais de produção artística, a influência do turismo nas produções e nas divulgações dos(as) artistas locais.

Durante a pandemia do Covid-19 em 2020 idealizei uma campanha na cidade de Foz do Iguaçu com o tema "A música é meu trabalho", para arrecadar recursos em prol dos(as) musicistas que estavam sem poder trabalhar devido o isolamento e as restrições sanitárias, pois muitos profissionais estavam sem condições de se manter, a não ser com ajuda de familiares e amigos na medida em que vivíamos um momento de incertezas para toda a classe artística. Para entender o cenário e buscar soluções, realizei uma pesquisa on-line<sup>4</sup> com os(as) musicistas iguaçuenses, mas a adesão da pesquisa foi muito inferior à quantidade de musicistas que atuavam na cidade. Foram 81 artistas participantes na consulta, dos quais 52 disseram ter na música a sua renda principal, seja como a única fonte de remuneração ou complementando com outra atividade. Confesso que esperava um número maior de participantes, aproximadamente 250 pessoas, pois muitas pessoas que subiram ao palco comigo não responderam o formulário e após o

---

<sup>4</sup> Via formulário docs Google.

encerramento do prazo de preenchimento, muitos me procuraram para serem incluídos na pesquisa. Esse formulário foi uma pequena mostra da comunidade/população musical de Foz do Iguaçu e trouxe algumas informações a respeito da atuação dos(as) musicistas, como a frequência semanal em que se apresentavam antes do início da pandemia, se trabalhavam como artista solo ou em coletivo e qual o tempo que exerciam a profissão.

Ou seja, esta dissertação versará sobre essas questões que me mobilizam e também mobilizam musicistas locais, quais sejam, entender o que caracteriza a música iguaçuense, de que forma ela é ou não contemplada pelas políticas públicas e como se relaciona com o mercado turístico da cidade. Em cada um dos capítulos desta dissertação desenvolverei esses três temas, conectando-os.

O primeiro capítulo está centrado na apresentação das questões que envolvem o debate sobre a música autoral, o que significa um movimento ou um gênero musical. Quem são estes(as) musicistas que se identificam com uma possível música iguaçuense, para isso, darei voz a estes(as) musicistas a partir das entrevistas que realizei com cada um(a) deles(as). Com isso, articulo o debate teórico, com as questões práticas/subjetivas que estão colocadas na relação destes(as) musicistas com suas trajetórias.

No segundo capítulo me proponho a fazer uma análise das políticas públicas de Foz do Iguaçu, a partir do acompanhamento e debate dos editais públicos, dos debates colocados também nas mesas setoriais da Fundação Cultural e verificar se essas políticas trazem em si especificidades do que poderia caracterizar a produção cultural própria da cidade e essa diversidade da produção musical local.

Já no terceiro capítulo, trato da questão de como estes(as) musicistas e as políticas públicas se relacionam com o mercado e corredor turístico. Como estes(as) musicistas estão ou não inseridos neste circuito e se as políticas públicas construídas na cidade corroboram para este corredor turístico, que, por vezes, não dá conta de atender às próprias demandas da

comunidade local já que não condizem necessariamente com as demandas dos(as) artistas e da comunidade local.

Consideramos que este trabalho apresenta uma pesquisa inédita para a região da fronteira trinacional, contribuindo para que o campo artístico possa ter subsídio para enfrentar os seus desafios diante de uma realidade que não tem a arte e a cultura como algo central na vida da maioria da população. Por isso, se trata não só de um trabalho com contribuições acadêmicas, mas também com contribuições para as políticas públicas e o setor cultural da cidade.

## CAPÍTULO 1

### 1. MEMÓRIAS E IDENTIDADE MUSICAL: VOZES DOS(AS) MUSICISTAS E ARTISTAS LOCAIS

Falar em vozes nesse contexto de pesquisa distancia-se dos termos técnicos como os parâmetros sonoros, arranjos, técnica musical, análise musical e até de práticas interpretativas<sup>5</sup>, pois o caminho a ser seguido levará a discussão para as vozes não ouvidas em shows, festivais e/ou bares de Foz do Iguaçu. Trata-se daquilo que é possível lembrar sobre a música produzida pelos(as) musicistas que vivem e sobrevivem de sua cultura musical na região de fronteira em uma cidade que, por sua história recente com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e pela presença das Cataratas do Iguaçu, mostra-se com uma diversidade cultural que deriva do fato da população ser constituída por um fluxo grande de pessoas oriundas de outras regiões do país ou países. Por isso, entendemos ser fundamental trazer para o debate a *pesquisa arquivística*, uma das áreas da musicologia, em especial, quando se pretende conhecer o cotidiano da atividade musical, as relações profissionais entre musicistas, empregadores e empresários como ocorre aqui na cidade de Foz do Iguaçu.

No Brasil, a *pesquisa arquivística* foi inaugurada por Francisco Curt Lange na década de 1940, com posteriores trabalhos de Régis Duprat, Jaime Diniz, Cleofe Person de Mattos, Flávia Toni e outros. Pouquíssima desenvolvida no Brasil, o propósito da musicologia na pesquisa arquivística é catalogar documentos, partituras e tantos materiais musicais e só recentemente começou a incluir periódicos e livros de viagens, representando um campo com grande potencial para futuras investigações musicológicas (Castagna, 2008, p. 23).

---

<sup>5</sup> Práticas interpretativas é uma área em que a musicologia tem o propósito de estudar a execução/interpretação de uma obra no seu tempo e de que forma seria interpretada em outra época o mais fiel possível. (Castagna, 2008)

Mesmo não sendo nossa proposta realizar um processo historiográfico tratando da colonização da região e do município de Foz do Iguaçu, consideramos, necessário entender que a diversidade existente na região de fronteira, bem como a forma como se constituiu as diferentes territorialidades no município afeta as produções culturais e formulação identitária da produção musical local. Diante disso, construímos uma pergunta sobre as características musicais da produção local para que possamos, talvez, encontrar uma identidade que caracteriza a música produzida pelos(as) artistas que residem em Foz do Iguaçu ligando-os às exigências advindas da vocação turística da cidade. Dessa forma, precisamos saber sobre a categoria identidade e a procura desta resposta está nas vozes dos(as) artistas/musicistas e nas suas memórias que estabelecem essa história vivida por eles.

A identidade cultural de Foz do Iguaçu - devido ao fluxo migratório de pessoas impulsionado pela construção da usina da Itaipu Binacional na década de 1960-, apresenta ampla diversidade. Afirmamos isso, quando analisamos a cultura local à luz da teoria do pesquisador Stuart Hall que nos indica que a cultura se dá a partir da pluralidade ligada às experiências de grupos sociais dentro de suas diversidades e em contextos históricos também voltados para suas diferentes práticas;

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um "posicionamento", ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades. (Hall, 2013, p. 432)

O conceito de cultura definido por Edward Tylor em diálogo segundo Laraia (2001), abrange em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à ideia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos (Laraia, 2001, p. 25). O pesquisador também cita uma afirmação de Jacques Turgot como aceitável do conceito de cultura, em que o homem como

membro de uma sociedade também é capaz de assegurar a retenção de suas ideias eruditas, comunicá-las para outros homens e transmiti-las para os seus descendentes como uma herança sempre crescente (Laraia, 2001, p. 26).

A cidade de Foz do Iguaçu apresenta uma diversidade cultural devido a sua posição geográfica em uma fronteira territorial e com dezenas de etnias que vivem por aqui, o que também nos faz acreditar que essa herança cultural carregada neste processo migratório não só pelos chamados barrageiros, mas também pelos comerciantes que se instalaram na cidade paraguaia do outro lado da fronteira, impulsionada pelo comércio de produtos importados, ou pela forte presença da comunidade árabe também do lado brasileiro. Esse trânsito facilitado entre as cidades fronteiriças que, também conta com a presença da cidade argentina, Puerto Iguazú, formando a fronteira trinacional, nos faz acreditar que tem muito material a partir das práticas sociais para investigarmos como o encontro dessas culturas contribui para essa busca da identidade musical, considerando as manifestações culturais com diferentes repertórios e gêneros musicais que circulam no corredor turístico e/ou nos bairros da cidade.

Essa diversidade cultural pode ser mais explorada e compartilhada nos quatro cantos da cidade voltada para comunidade local não só como um entretenimento, mas sim como um agente modificador no meio. Diante disso, questionamos se podemos pensar que a produção musical iguaçuense pode ser considerada como gênero musical ou como um movimento musical?

Existe música iguaçuense? Ao lançar essa questão para os(as) entrevistados(as) musicistas locais, eles(as) entendem que existe uma música iguaçuense mais no sentido de conformar um movimento e não como um gênero. Mas, o que vem a ser um gênero musical, no entanto?

No livro *História da música ocidental* de Donald Grout e Claude Palisca (2006), Boécio<sup>6</sup>, um teórico da Idade Média divide a música em três gêneros:

---

<sup>6</sup> Boécio foi a autoridade mais respeitada e mais influente na Idade Média no domínio da música. O seu tratado, escrito nos primeiros anos do século vi, ainda na juventude do autor, era

*Música mundana* («música cósmica»), as relações numéricas fixas observáveis no movimento dos planetas, na sucessão das estações e nos elementos, ou seja, a harmonia no macrocosmos; *música humana*, a que determina a união do corpo e da alma e das respectivas partes, o microcosmos, e *música instrumental*, ou música audível produzida por instrumentos, incluindo a voz humana. (Grout e Palisca, 2006, p. 46)

Para Junior e Jeder (2006) o gênero musical é definido então por elementos textuais, sociológicos e ideológicos, é uma espiral que vai dos aspectos ligados ao campo da produção às estratégias de leitura inscritas nos produtos midiáticos. Sob o mesmo ponto de vista, Correa (2018) entende que no ambiente da música popular massiva<sup>7</sup>, os gêneros musicais são utilizados para promover a identificação dos públicos com os produtos que desejam consumir e, possivelmente, essa é sua principal função.

Já, o pesquisador Muniz (2014) exemplifica a constituição dos gêneros musicais em torno das exigências instrumentais típicas de identificações sociais, como o trio bateria, contrabaixo e a guitarra que lembram o *rock and roll*. O tantan, pandeiro e o cavaquinho, que correspondem ao samba. A Zabumba, triângulo e sanfona, integra o forró pé-de-serra. Ou seja, o gênero musical tem a sua divisão, definição e constituição passando pela Idade Média com a música erudita até os dias atuais com a “música popular”<sup>8</sup>, seja ela massiva e/ou midiática.

---

um compêndio de música enquadrado no esquema do quadrivium, servindo, por conseguinte, como as restantes disciplinas matemáticas, de preparação para o estudo da filosofia. Pouca coisa neste tratado era fruto do próprio Boécio, pois tratava-se de uma compilação das fontes gregas de que dispunha, com especial destaque para um longo tratado de Nicômaco, que não subsistiu até aos nossos dias, e para o primeiro livro da Harmonia de Ptolemeu. (Grout e Palisca, P 46)

<sup>7</sup> A expressão música popular massiva está relacionada a um modo de produção, recepção, circulação e consumo musical que se desenvolveu a partir de invenções técnicas que culminaram na organização da indústria fonográfica no século XX. A partir disso, é possível perceber que a música que consumimos na contemporaneidade está intrinsecamente associada às redes midiáticas de produção de sentido e faz parte da crescente mediatização da cultura contemporânea. (Matijewitsch e Marcelino, 2015, p. 03)

<sup>8</sup> Música popular - Expressão que abrange todos os tipos de música tradicional ou “folclórica” que, originalmente criada por pessoas iletradas, não era escrita. As formas de música popular destinadas ao entretenimento de um grande número de pessoas surgiram particularmente com o crescimento das comunidades urbanas, resultado do processo de industrialização. A expressão “música popular” foi pela primeira vez aplicada à música produzida em torno de 1880 nos EUA na chamada era da “Tin Pan Alley” (“Alameda das panelas”), sendo logo depois empregada na Europa e no Brasil nos primeiros anos do séc. XX. (Dicionário Groove de Música, 1994, p.636)

Pensando numa região de Fronteira Trinacional que é o que nos caracteriza, alguns gêneros musicais típicos dos países que aqui se encontram são facilmente encontrados nas produções locais e nos grandes eventos da cidade. O samba, em especial, está associado ao Brasil, o tango à Argentina e a guarânia ao Paraguai, estes são exemplos de gêneros que automaticamente identificam certas obras musicais como pertencentes a esses países. No entanto, esses fatores, não estancam os desejos dos(as) musicistas de produzir a sua própria expressão musical a partir da sua experiência trazida desde o deslocamento de outra região, independente do gênero musical em que está inserido em sua origem.

É provável que um ou mais gêneros musicais influencie um movimento da música local? Aqui, precisamos mencionar reflexões que definem um movimento musical, a exemplo, do que nos apresenta Vilela (2010) “*Seria o fato de artistas terem antes se reunido e proclamado que promoveriam uma nova abordagem estética dos elementos culturais, como foi o caso da tropicália?*” (Vilela, 2010, p. 17). São várias definições e indefinições do que caracteriza os movimentos musicais. Na música, dependendo da época, da região e até mesmo dos gêneros musicais, esses movimentos têm características e ações distintas. Melucci (1989) traz uma distinção de movimentos sociais na abordagem de Tarrow que nos parece adequada para compreender a conformação de um movimento social, que também pode ser um movimento musical, a considerar:

Tarrow, entretanto, ajuda a esclarecer uma distinção entre *movimentos* (como formas de opinião de massa), *organizações de protesto* (como formas de organizações sociais) e *eventos de protesto* (como formas de ação). (Melucci, 1989, p. 55)

Um movimento musical de destaque na música brasileira, por exemplo, foi a Bossa Nova, que fez uma nova abordagem de um gênero, o samba, com a influência de outro gênero, o jazz, e se tornou um movimento da música brasileira que partiu de um grupo de jovens da zona sul do Rio de Janeiro e que depois passou a ser considerado um subgênero do samba. Pensando na distinção abordada por Tarrow, *movimentos* (como forma de opinião), o público estudantil começa a ter interesse pela Bossa Nova e os

intelectuais do movimento estudantil, como Nelson Lins e Barros, tentavam incorporar a Bossa Nova como um substrato legítimo da música engajada nacionalista<sup>9</sup>. De acordo com Napolitano,

Era preciso conscientizar e integrar os setores sociais marginalizados pelo desenvolvimento capitalista e a cultura tinha um papel importante neste processo. O excessivo otimismo e subjetividade da Bossa Nova passaram a ser repensados. Setores do movimento estudantil, uma das maiores expressões da esquerda nacionalista, perceberam o potencial da BN junto ao público estudantil. Tratava-se, pois, de politizá-la. (Napolitano, 2001 p. 12)

Com a proximidade do público estudantil, a Bossa Nova no ambiente das universidades no início da década de 1960, começa a ter uma resistência com o excesso de informação americana e da influência do *jazz*, tendo o cantor e compositor Carlos Lyra como uma renovação ideológica dentro do estilo bossanovista (Napolitano, 2001). Este fato fez com que os compositores comesçassem a virar também intérpretes das suas próprias canções, o chamado “cantautor”, como o violão tornava-se o instrumento principal da Bossa Nova trazendo a tradição do samba com a moderna harmonia do jazz e impactando na substituição das grandiosas orquestras no palco, desenvolveram um estilo de performance que colocava toda a ênfase na relação entre o violão e o canto (voz e violão), que teve profundo impacto nos futuros desenvolvimentos da música popular, que se encaminhou para um outro movimento chamado de Música Popular Brasileira, a MPB.

Na década de 1960 ao lado da MPB outros dois movimentos musicais tiveram um grande impacto na música brasileira, a Jovem Guarda e a Tropicália, que além de inovações musicais, aceitas ou não pela intelectualidade brasileira da época, foram porta-vozes de uma radical proposta de mudança nos costumes, nos hábitos e nas vestimentas (Vilela. p 18, 2010).

A partir da exposição acima, percebemos que alguns movimentos musicais tiveram na sua raiz um gênero musical como fio condutor para transmitir a sua mensagem política e social, independente do espaço em que ocupava e o público a ser atingido. Com o propósito de pesquisar a música

---

<sup>9</sup> Napolitano, 2001, p. 28.

em Foz do Iguaçu e entender se há essa relação entre ser um gênero musical ou movimento musical, eu vou em busca dessas vozes que têm ocupado esse lugar no cenário musical da cidade. Existe música iguaçuense e como ela se caracteriza e se organiza?

Noel Silva, músico atuante em Foz do Iguaçu desde o final da década de 1970 entende que a música produzida ou inspirada a partir do espaço geográfico da cidade é iguaçuense, mesmo que a paisagem ou a cidade não seja a temática da letra. Conforme segue seu relato:

E eu acho que pra mim funciona assim, a música iguaçuense, o cara tá aqui ele fez uma música bonita, né? Ele tá vivendo aqui, a inspiração é de Foz do Iguaçu, às vezes põe pouca coisa em Foz do Iguaçu, às vezes nem cita, mas o local que ele está falando é aqui. Entendeu? (Noel Silva. Entrevista concedida em 04/04/2023)

A cantora Estela Rodrigues que também iniciou sua carreira musical no final da década de 1970, em Foz do Iguaçu, ao longo desses anos ela acredita que a música iguaçuense é aquela que exalta a cidade, como traz em sua entrevista:

Bom, música iguaçuense ou música do Paraná que seja, pra mim é a música que fala de Foz, que fala da nossa cidade, da nossa fronteira, dos nossos Hermanos, pra mim essas são as músicas que mexem mesmo, que eu gosto de ouvir canções de grandes compositores que fala da nossa terra, pra mim é isso, músicas da nossa terra de Foz do Iguaçu. (Estela Rodrigues. Entrevista concedida via *Messenger* do *Facebook* em 03/01/2024)

Magnum Meza (*in memoriam*), dono do estúdio de gravação Magnum Estúdio, produtor musical e músico, também se perguntava sobre a existência dessa música local:

Essa é uma pergunta que eu me faço desde que eu comecei com as gravações. É uma curiosidade minha e dos amigos músicos que sempre me questionavam também... Sinceramente eu não vejo a música iguaçuense como uma coisa única daqui, eu não vejo algo, ah isso aqui só tem aqui entende? A resposta é infelizmente não... Têm os movimentos do *rock and roll*, principalmente *rock and roll* autoral. Tem metal, tem música sertaneja. Tem muito também do autoral do sertanejo. Pessoal do pagode teve uma fase muito boa também. Sim, inclusive autoral também. Tem sim, nesse sentido sim. (Magnum Meza, entrevista concedida 24/04/2023)

O músico Magnum Meza teve sua vida artística toda voltada para a cidade, desde os seus estudos musicais até a profissionalização da sua

carreira como músico e produtor. Nascido em Foz do Iguaçu, foi um músico atuante como pianista e tecladista. Um músico com uma carreira consolidada construída totalmente em Foz do Iguaçu, sem precisar sair da cidade como ele afirmou, “*me considero músico iguaçuense, eu nasci aqui, estudei aqui, fiquei aqui*”. A paixão pela música vem da família e das histórias relatadas pelo seu pai que também é músico, “*meu pai é músico, eu tenho muita história do que ele me contava, de encontro de músicos no início da década de 1990*”. Seguindo essa veia musical da família, Magnum foi um dos principais músicos acompanhantes e bastante requisitado pelos(as) artistas e bandas dos mais variados gêneros musicais, como também pelas várias casas noturnas de Foz do Iguaçu. Começou com estúdio em 2010 ainda num pequeno espaço em casa como ele relatou, “*é deixei o quartinho pequenininho, foi ampliando, gravando e produzindo alguns artistas locais*”, até se tornar um dos grandes estúdios da cidade e região. No passado algumas produções iguaçuenses foram gravadas fora da cidade, hoje muitas produções de fora da cidade utilizam os estúdios iguaçuenses.

Durante a escrita deste texto, fomos surpreendidos pela triste notícia do falecimento do músico Magnum Meza, que foi uma grande perda para a música iguaçuense, um choque para toda a classe musical da cidade, de músicos a contratantes. Eu conheci Magnum ainda adolescente, por volta dos seus 15 anos, no antigo Bar Bixo de Pé em um ensaio de uma música autoral que iria participar de um festival, eu estava apenas como espectador do ensaio e me chamou muito a atenção o domínio que ele já tinha com o instrumento. Alguns anos mais tarde passamos a tocar juntos em algumas bandas e projetos que iam surgindo na cidade, inclusive fomos parceiros nas composições<sup>10</sup> que fizemos para algumas produções de audiovisual no seu estúdio para uma produtora de outro estado.

Será que essas minhas composições em parceria com Magnum Meza pode ser caracterizada como música iguaçuense? A junção de

---

<sup>10</sup> 43º Encontro Nacional da Indústria de Cerâmica Vermelha. Além desse encontro, fizemos o 42º e o 47º. As composições iam surgindo no momento da gravação, de acordo com cada tema em relação ao estado brasileiro em que o encontro acontecia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Ckia5BsK34>> Acesso em: 27 de jan. 2024

um músico vindo da Bahia e um músico nascido em Foz do Iguaçu? O baterista Márcio Duarte da banda Tumulto<sup>11</sup>, que é uma das mais antigas da cidade em atuação, enxerga uma diversidade cultural desse processo migratório em contato com algumas pessoas, mas desconhece da existência da música iguaçuense como ele reflete:

Por exemplo, eu tenho origem pernambucana, né? Você é baiano, aí eu tenho outro amigo que veio da Coreia, tem colega meu que veio da Arábia, tem colega meu que veio do Líbano. Então assim eu vejo uma mistura e eu não consigo ver a música iguaçuense. O que eu vejo de música iguaçuense, eu vejo os artistas cada um querendo fazer a sua parte. Uns conseguem fazer muito bem, outros na batalha talvez não, né? Mas a música iguaçuense eu não conheço, eu não posso nem te falar que eu acho que não existe, simplesmente eu não conheço. Mas eu peço numa coisa, tá, que é há anos viver numa bolha. Não conheço todo mundo, né? Por exemplo, você, conheci você porque eu tive que tocar com Tumulto num palco e você estava de diretor no palco e tal. (Márcio Duarte, entrevista concedida 29/07/2023)

Durante as entrevistas, alguns músicos destacam que não houve uma construção musical que pudesse ser associada a um gênero específico que caracteriza a região ou a cidade. Sendo assim, o músico, produtor musical e dono do estúdio Pulso, Thiago Dalmagro, destaca que não há música iguaçuense como gênero e exemplifica como os gêneros musicais são característicos na música brasileira. No entanto, o músico acredita na possibilidade de uma identidade futura da música local:

Eu acho que no sentido de gênero musical não existe, né? Por exemplo, vai falar que o samba do Recôncavo baiano é um gênero ou então, o samba paulista se já faz uma diferenciação do samba carioca, do samba baiano, o rock gaúcho não chega a ser um gênero diferente, mas tem um tempero diferente do rock paulista, do rock mineiro. Então, nesse sentido, não, a gente não tem gênero. É iguaçuense, não é? Não tem. Então, temos muitos artistas com diversas influências. O que eu acho que é legal também, eu não tenho essa busca, não vejo muito sentido sair em busca de um gênero iguaçuense. Acho que fica uma coisa meio fabricada, não é? **É, mas, com certeza a gente tem vários ingredientes para ter uma música e não só de qualidade, mas de identidade.** Talvez não

---

<sup>11</sup> Formada em Foz do Iguaçu no ano de 1991, a banda Tumulto nasceu com a proposta de fazer som pesado e letras fortes, com influências do *punk rock* e do *trash metal*. A formação atual é composta por Germano Duarte na guitarra e vocal; Rafael Feldman no baixo; e Márcio Duarte na bateria. Em 2016 ocorreu a regravação do álbum "Conflitos Sociais" (o original é de 1992) que foi dividido com uma das mais antigas bandas de trash death metal do Paraná, a Morthal, que foi criada em 1987. Disponível em <<http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2016/05/tumulto-comemorando-25-anos-com.html>> Acesso em: 09 de nov. de 2022

seja, não a ponto de se tornar um gênero diferente, mas de ter uma **identificação**. Qual é a cidade? Aí, sim. Então, hoje é música iguaçuense. Nesse sentido não existe, mas agora, no sentido de artistas produzindo sim, eu enquanto produtor, enquanto dono de estúdio acho que poderíamos ter mais artistas produzindo. (Thiago Dalmagro, entrevista concedida em 25/04/2023)

O músico Jaime André Schlogel, mais conhecido como Pingo, pertence a uma família pioneira da cidade e acredita na existência de uma música iguaçuense, mesmo ele não sabendo defini-la e nem caracterizá-la, mas que ela sempre esteve entre os seus familiares:

É uma pergunta complicada, né, eu acho que existe música e iguaçuense, mas eu não saberia identificar exatamente ela e nem origem [...] eu tenho quarenta anos hoje e nasci aqui em Foz, o meu avô tem noventa e oito e nasceu aqui, e desde pequeno era uma família muito musical e eu tenho fotos do meu avô novo tocando violão por aqui. E eu não sei se isso, por exemplo, também ajudaria a definir uma música iguaçuense, mas o que eles faziam eram mais músicas sacras, né? Música de igreja e muita coisa de música gauchesca. As primeiras coisas que eu escutei na minha infância de música basicamente foi isso. Coisas que se resumiam entre o cancionário da igreja católica e músicas gauchescas [...] Então, eu não sei se te respondo com isso, né? Mas eu não sei se isso caracterizaria uma música iguaçuense, mas eu posso dizer que é uma coisa daqui, né. (Jaime André Schlogel “Pingo”, entrevista concedida em 05/08/2023)

Esse movimento da música iguaçuense que proponho discutir, parte de uma reflexão dos anos que venho acompanhando diferentes produções e eventos ligados ao cenário musical, em toda região da Fronteira Trinacional e nas cidades vizinhas de Foz do Iguaçu. Mesmo não buscando um gênero musical típico iguaçuense, certamente para essa música teve no seu início algum gênero como base das produções. Para Marcio Guedes Correa,

Pesquisadores brasileiros relacionados às áreas de musicologia e etnomusicologia também vêm demonstrando algum interesse em discutir determinados gêneros musicais e em revelar suas características organizativas e funcionais. É notável que gêneros não são foco de estudos voltados à análise musical ou à musicologia histórica, porém eles se fazem presentes quando os fazeres musicais são determinantes para as relações sociais, para as construções culturais, para a educação, entre outros elementos. (Correa, 2018, p. 08)

Foi através de um repertório com gêneros musicais que atendia o mercado midiático e fonográfico que eu cheguei até aqui. Atualmente os

gêneros do chamado *mainstream*<sup>12</sup> têm dominado as produções voltadas para o corredor turístico da cidade, mas no mesmo sentido, é visível que há muitos questionamentos em relação aos esforços advindos das políticas públicas que envolvem o turismo local e que estão distantes das expressões culturais/musicais. Perguntamo-nos, porque Foz do Iguaçu com o potencial turístico e a pluralidade cultural que tem não pode pensar em unir futuramente as duas áreas do turismo e da cultura?

Mas existe um fator entre essas duas áreas, qual seja, em que o público alvo para essas produções locais está interessado na música autoral ou no *cover*<sup>13</sup>. Até que ponto, o setor privado vai querer associar a sua marca a um produto desconhecido sem garantir que lhe dê um retorno financeiro e publicitário?

Atualmente, a música autoral tem mais visibilidade e/ou visualizações através das plataformas digitais e redes sociais, mas antes desse avanço da internet, o rádio e a televisão eram os principais meios de comunicação para a difusão e divulgação das produções musicais, o fonograma (LP, fita cassete e o CD) era o que o público tinha acesso para ouvir em casa de forma física. Havia também uma maior dificuldade para produzir um disco e que muitas vezes tinha que se deslocar para um grande centro, como São Paulo ou Rio de Janeiro, para gravar as músicas. Isso aconteceu

---

<sup>12</sup> A palavra, de difícil tradução, significa literalmente “dominante” ou “grande público”, sendo usada em geral para se referir a um meio de comunicação, um programa de televisão ou um produto cultural que vise um público amplo. *Mainstream* é o inverso da contracultura, da subcultura, dos nichos; para muitos, é o contrário da arte. Por extensão, a palavra também remete a uma ideia, um movimento ou um partido político (a corrente dominante) que tem o objetivo de seduzir todo mundo. A partir dessa investigação sobre as indústrias criativas e as mídias em todo o mundo, *Mainstream* permite-nos, portanto, analisar a política e o business, que também querem “falar a todo mundo”. E por sinal a expressão “cultura *mainstream*” pode ter uma conotação positiva e não elitista, no sentido de “cultura para todos”, ou mais negativa, no sentido de “cultura de mercado”, comercial, ou de cultura formatada e uniformizada. (Martel, 2013, p. 20)

<sup>13</sup> Considerado por muitos como não autêntico, o *cover* é uma prática musical de muitos grupos. Ele é entendido como a ação de executar ou gravar novamente uma composição já existente, mantendo-se fiel à gravação original. Oliveira, Paula Agrello Nunes. *Cover: performance e identidade na música popular de Brasília*. 2011. Hoje, há 77.070 bares e restaurantes que trabalham com música ao vivo no país, segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel). Quanto maior o lugar, mais difícil é a entrada de bandas autorais. *COVER OU AUTORAL, O DILEMA DE UMA BANDA QUE BUSCA ESPAÇO EM BARES*. Disponível em: <<https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/21436/cover-ou-autoral-o-dilema-de-uma-banda-que-busca-espaco-em-bares>> Acesso em: 29 jul. 2023.

com o músico Noel Silva quando ele foi gravar o seu trabalho na década de 1980,

Então, a produção na minha época, porque agora é mais fácil, era São Paulo e Rio. Então, pra você fazer um LP, um cartaz, na época de cartaz pra colar, esse lugar era em São Paulo. Colorido, porque aqui não tinha pra fazer uma foto colorida, tinha que ter quatro fotolitos assim, ó, pra ir pra gráfica. Você não fazia não sem aqueles quatro fotolitos fazer lá na gráfica. Então eu tinha que fazer em São Paulo a gravação pra ficar boa, nem em Curitiba não fazia bem, era São Paulo e Rio. (Noel Silva. Entrevista concedida em 04/04/2023)

Esse trabalho foi realizado de forma independente, sem gravadora ou produtora, em que ele mesmo distribuía seus discos para lojas do ramo, bancas de revistas e nos shows. Durante o seu depoimento ele nos conta sobre o desconforto de não fazer sucesso na própria cidade,

Agora é difícil conseguir sucesso em Foz, é muito longe, é muito pequena a cidade. É difícil. Eu cheguei a vender dez mil ingressos num show meu e foi três mil dos dez mil só, foi no campo do GRESFI ... pra fazer um show daquele lá eu tive que pegar quinze empresas para patrocinar tudo, grande as empresas na época e você tem que ter inserção na televisão paga também, que empresa que pagava na rádio, consegui de graça as inserções, né? Que eu conseguia pra poder vender esses ingressos. Então não é fácil a pessoa sozinha e mais uns amigos. Então eu acredito até que eu poderia ter ido longe e feito sucesso nas capitais. (Noel Silva. Entrevista concedida em 04/04/2023)

Estela Rodrigues também teve que se deslocar para São Paulo para fazer seu registro fonográfico e teve apoio para realizar a gravação, conforme segue seu relato:

Eu tive ajuda de pessoas que eu nem imaginei e respeitou meu talento, me admirou, me ajudou, como por exemplo, Antônio Martins, ele era dono da Japan Music, nós tivemos uma gravadora aqui em Foz chamada Japan Music e a primeira pessoa a me levar para São Paulo para gravar [anterior a Japan Music], foi um cantor sertanejo que tem aqui em Foz do Iguaçu e tudo isso aconteceu, sabe assim tipo de repente. (Estela Rodrigues. Entrevista concedida via *Messenger* do Facebook em 03/01/2024)

De maneira idêntica, a banda Tumulto também tem um trabalho de forma independente, principalmente por estar ligada ao movimento *underground*<sup>14</sup> e ser uma banda de thrash metal. Mas diferente da gravação de

---

<sup>14</sup> É chamado de música underground ou música alternativa aquela que desenvolveu um número considerável de adeptos, sem no entanto obter sucesso comercial. Este tipo de música de um modo geral possui pouco ou nenhum apelo de massa, visibilidade, presença comercial

Noel Silva e Estela Rodrigues que foram em São Paulo, a banda gravou seu primeiro disco em Foz do Iguaçu. Márcio Duarte é o único integrante da primeira formação e descreve como foi a primeira experiência fonográfica, um LP split<sup>15</sup> (Figura 1) dividido com a banda Morthal também da cidade,

Então, o primeiro foi o seguinte, o Tumulto naquela época a gente fazia um som diferente, isso em noventa e um, noventa e dois... o Redson do Cólera [a banda] é o cara que produziu. Ele falou: cara o som de vocês dá pra bater o pé. Eu lembro que ele usou exatamente isso aí. Nilton Bobato [da banda Morthal] chegou pra mim e falou, Márcio, vamos fazer... Daí eu falei, cara, vamos, vamos fazer. Sem dinheiro. E aí ele pegou um cara aqui em Foz que fazia gravação de música gauchesca, tem rolo [gravador] ainda tal naquela época e aí vamos gravar esses dois essas duas bandas aqui e aí a gente convidou o Redson do Cólera ... ele produzia muitas bandas no Brasil. (Márcio Duarte, entrevista concedida 29/07/2023)

A razão pela qual as bandas dividiram o mesmo disco, sendo um lado para cada uma delas, se deve ao fato de que elas não tinham repertório suficiente para fechar o disco inteiro de forma individual. A banda Tumulto estava apenas com sete meses de formação, inclusive Márcio era um adolescente no início da banda, *“eu com dezessete anos, eu meti as caras com o LP embaixo do braço e fui sair pra vender sem conhecer o Paraná. Não esqueça que eu tinha acabado de chegar do Nordeste”* (Duarte, 2023).

**Figura 1** - LP split das Bandas Tumulto e Morthal (1992)

---

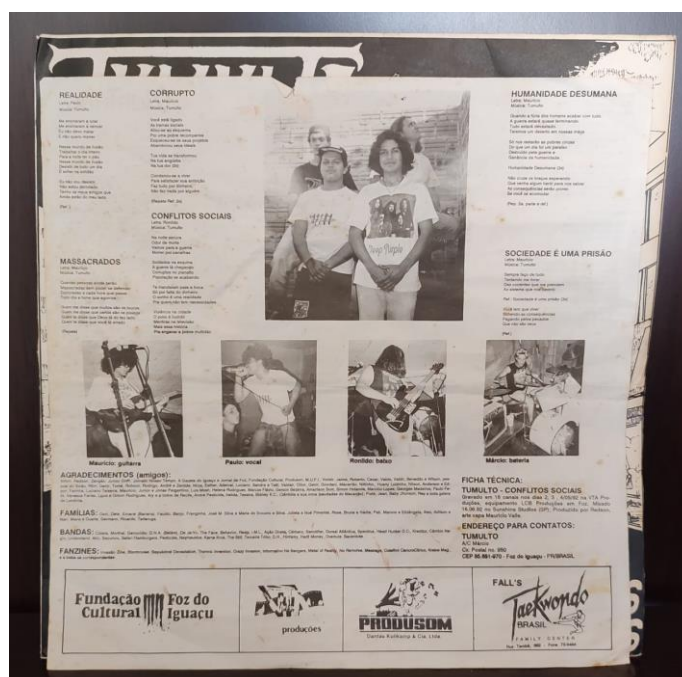
ou de mídia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica\\_underground](https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica_underground)> Acesso em: 29 jul. 2023

<sup>15</sup>Quando duas bandas dividem o mesmo LP. Disponível em: <http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2016/05/tumulto-comemorando-25-anos-com.html> Acesso em: 09 de nov. de 2022



Fonte: Sepulchral Voice Fanzine

Figura 2 - Encarte da banda Tumulto

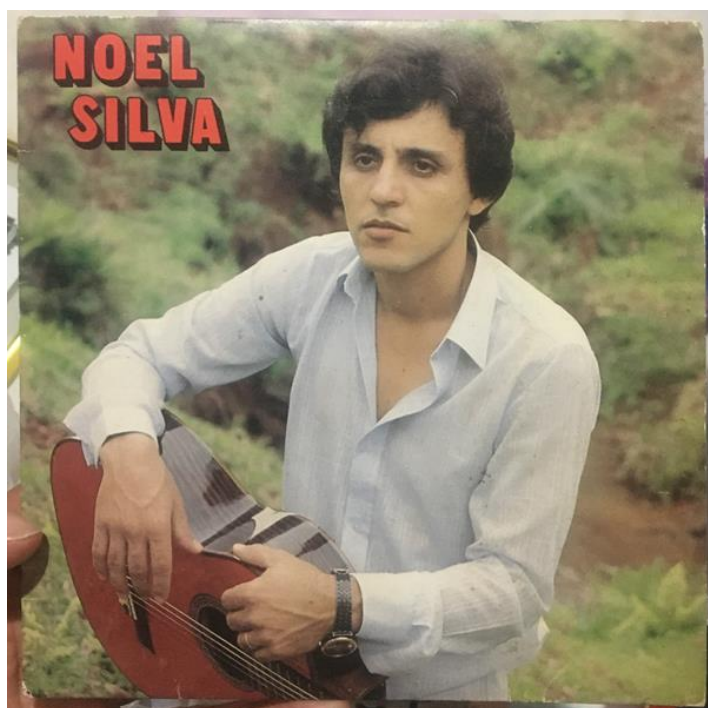


Fonte: Márcio Duarte (arquivo pessoal)

Igualmente ao grupo Tumulto, o músico Noel gravou três discos na década de 1980, sendo um compacto simples (1980), um compacto duplo (1985) (Figuras 1 e 2) e um LP (1986), também contou com a colaboração de um produtor de São Paulo no seu primeiro disco. O músico começou a compor quando morava na cidade de Ilha Solteira no estado de São Paulo, onde

apresentou suas músicas no Festival de MPB de Ilha Solteira e em uma dessas edições ele foi convidado por um jurado para gravar a música que defendeu no festival, *“ele viu aquela música que o pessoal aplaudia na hora que cantava, música mais comercial de romantismo, aí ele me convidou pra São Paulo [capital], não pude ir não”* (Silva, 2023). Nessa época, Noel trabalhava na usina da cidade paulista e depois foi transferido para Foz do Iguaçu para trabalhar na Usina de Itaipu. Chegando na cidade iguaçuense ele continuou participando dos festivais que aconteciam na região, como o 7º Festival Lítero Musical da Canção de Matelândia em 1978 e 1º Festival da Canção de Foz do Iguaçu em 1980 (Figura 3), se consagrando campeão nos dois festivais, nos quais ainda possui os troféus (Figuras 4 e 5).

**Figura 3** - Capa do compacto duplo de 1985



Fonte: O Autor

**Figura 4** - Contracapa do compacto duplo de 1985



Fonte: O Autor

Figura 5 - Divulgação do FERCAFI



Fonte: O Autor

Figura 6 - Troféu do 7º Festival Lítero Musical da Canção de Matelândia



Fonte: O Autor

Figura 7 - Troféu do 1º Festival da Canção de Foz do Iguaçu



Fonte: O Autor

Na medida em que os festivais davam bons resultados, Noel Silva ficou mais próximo da música e foi se afastando do trabalho na Usina, “o festival dá aquele dinheiro né, eu sei que eu fui indo, eu falei, mas vem cá eu gosto de música, tô indo aí, eu vi que agora num é lá na minha cidade”. Ele, então, resolveu ir atrás do jurado para tentar a gravação,

Fui pra São Paulo e cheguei lá, ele chamava Alberto Luís, o cara, ele era de uma música mais antiga daquela época do Antonio Marcos, gravou muita música dele, esse que me chamou pra ir lá. Aí ele falou: ah Noel agora já tem Giliard e não sei quem mais. Tá difícil agora, se quiser gravar eu arrumo os Três do Rio aí que tá trabalhando com Moacir Franco ali no programa. Moacir Franco tinha um programa na [tv] Bandeirantes, peguei fui lá e já me apresentou pra todo mundo. (Noel Silva. Entrevista concedida em 04/04/2023)

Mesmo se deslocando para São Paulo, a carreira do músico estava ligada à cidade de Foz do Iguaçu. Ao retornar com o seu disco, literalmente, “debaixo do braço” assim como ocorreu com Márcio do Tumulto, Noel bateu de porta em porta para divulgar e vender o seu trabalho, principalmente nas emissoras de rádio em que abriam um espaço para tocar a sua música. Mas, infelizmente, a música não entrava na programação. Era a sensação que o músico tinha naquela época em que ele chegava à rádio e dava uma entrevista, tocava duas, três músicas suas, depois o disco era engavetado. Noel destaca que “[...] porque senão ele não rodava e o patrocínio era meio difícil no começo, pois você vai ficando conhecido, vai ficando melhor, seria mais fácil, mas era difícil porque não rodava [...]”.

O cantor Noel Silva se deparou com algumas barreiras que os(as) artistas independentes têm, ou seja, encontrar espaço nos meios de comunicação e apoio financeiro de patrocinadores para entrar no *mainstream*. Entretanto, com o Tumulto não há essa preocupação midiática, pois Márcio entende que o gênero musical da banda não dá pra tocar em rádio, “mas eu tenho abertura pra fazer entrevistas...mas eu sei que não é a realidade do meu meio”, pontua. Sem espaço, Noel -apesar do trabalho autoral com registro fonográfico-, continuava se apresentando e interpretando um repertório de artistas conhecidos, como lembra:

Eu cantava muita música do Roberto Carlos, porque eu cantava antes de eu sair, fazer show na região. Eu cantava em churrascaria, tinha vez que eu cantava numa churrascaria de manhã, do meio-dia às três

e depois das oito [da noite] às dez e já pegava das onze à uma da manhã em outro lugar e vinha muito turista e eles levavam LP. (Noel Silva. Entrevista concedida em 04/04/2023)

Nota-se que o músico recorreu ao *cover* para se manter na profissão, simultaneamente, com sua carreira autoral, principalmente se apresentando em espaços ligados ao turismo, com um público rotativo diariamente, o que possibilitaria ao turista, minimamente, conhecer a produção local.

## 1.1 A RELAÇÃO ENTRE MÚSICA, SETOR DO TURISMO: O COLONIALISMO INTERNO

No artigo “*Planejamento dos aspectos culturais no Espaço Turístico Urbano de Foz do Iguaçu, Paraná*”, os pesquisadores Ana Solange Biesek e Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira contextualizam o planejamento dos elementos patrimoniais abordando sua relação com os bens culturais locais. Para os autores, o Turismo Cultural trata de uma área-chave de desenvolvimento local em que a comunidade é conduzida a resgatar sua história, cultura, hábitos e costumes a fim de poder transmiti-los para o turista. (Biesek e Tarlombani da Silveira, 2012).

Consideramos, desta forma, que Foz do Iguaçu também poderia ter no roteiro turístico da cidade o turismo musical, algo que vem acontecendo em algumas cidades do Brasil como o distrito de Conservatória<sup>16</sup> que fica na cidade de Valença no estado do Rio de Janeiro e que é conhecida como a “Cidade da Seresta”, ou, ainda, a cidade de Belo Horizonte que tem investido no “turismo musical” como cita um artigo no site da prefeitura da capital mineira,

---

<sup>16</sup> Conservatória, por ser um local de tradição em serestas e serenatas, tem na maioria de suas casas, afixadas na fachada principal, uma placa com o nome e autoria de uma música de seresta, escolhida pelo próprio morador. Esta placa é colocada durante à noite, com uma cerimônia que começa com a saída dos seresteiros do Museu à casa, cantando pelas ruas músicas de serenata. Enquanto a placa é colocada, canta-se a música. Depois os seresteiros e visitantes entram casa adentro e são recepcionados pelo dono com coquetel e festa. Disponível em: <<https://www.valenca.rj.gov.br/paragraph-from-around-the-world-in-80-days/>> Acesso em: 20 de mai de 2023.

As duas indústrias — música e turismo — têm grande potencial de criar empregos, investimento e renda enquanto compartilham um objetivo comum: criar experiências memoráveis. Nossa missão é conhecer, reconhecer e tirar o melhor dos dois. (Prefeitura de Belo Horizonte, 2018)

Atualmente, existe uma demanda crescente pelo turismo, na qual é permitido aos visitantes observar os eventos locais e os estilos de vida, ou seja, participar de uma forma não-artificial (Biesek e Tarlombani da Silveira, 2012, p. 04). Essa relação - ou falta dela -, de um turismo vinculado ao setor cultural pode observar a partir de uma das perguntas que fiz aos entrevistados, a saber: como esses(as) musicistas percebem que se relaciona em Foz do Iguaçu a indústria do turismo e o setor cultural? A resposta de cada entrevistado demonstrou que não há essa relação entre os dois setores. Noel Silva destaca que:

O turista vem, vai passar ali, vai ver. Pôxa, isso aqui tem uma música, que lá tem outra, um sax, outra coisa, isso aí tem que ir direto e não de vez em quando... O cara chega, ele vai lá, não vê nada, aquela avenida ali parada, eu acho que nessa parte aí os músicos principalmente mais antigos teriam essa oportunidade de levar a sua arte né? Para que os turistas possam ver. Então eu acho que a música tem muito a ver com o turismo, viu? (Noel Silva. Entrevista concedida em 04/04/2023)

Estela Rodrigues vê a possibilidade de ter um roteiro turístico além da área central, a exemplo da Praça da Bíblia, que se encontra em uma região de grande crescimento populacional envolvendo vários bairros, e assim representando a cultura local, como ela destaca:

É eu penso assim que o turismo em Foz do Iguaçu ele poderia ser em todos os lugares, nós temos aqui um bairro da nossa cidade que abrange o turismo, que até poderia ter uma música ao vivo lá, poderia ter toda segunda ou sexta ou sábado, que importa que seja domingo, domingo sábado não importa, a Praça da Bíblia, Praça da Bíblia é uma praça turística, as pessoas vão pra lá comer porque tem lugares com todo tipo de coisas gostosas e é um lugar que falta música, falta representação, eu acho que a cultura ela é pra todos os lugares. (Estela Rodrigues. Entrevista concedida via *Messenger* do *Facebook* em 03/01/2024)

Magnum Meza que também era tecladista e foi atuante nos hotéis da cidade, nos apresentou uma experiência pessoal diferente nessa relação com o turismo da cidade:

Realmente eu faço muitos trabalhos para o turismo, ou seja, para hotéis, eu realmente vivo muito disso, mas eu não sei definir como

que seria essa relação, se há uma relação eu vejo mais como uma relação assim de última hora: oh, preciso de você porque eu tô com um hóspede aqui. Mas eu não vejo como uma coisa assim de falar, ah, os nossos artistas locais estão aqui pra mostrar a cultura, para os turistas, não sinto isso não. Sinceramente, não sinto. (Magnum Meza, entrevista concedida 24/04/2023)

Da mesma forma o músico Pingo traz essa relação com a rede hoteleira:

O músico que não esteja diretamente trabalhando dentro de hotéis e em questões vinculadas ao turismo, basicamente não consegue sobreviver da música em Foz, você precisa disso pra ter uma vida minimamente digna, você tem que se submeter à basicamente trabalhar dentro de hotéis, em eventos, em grandes eventos que às vezes são maravilhosos, mas que a população da cidade nem fica sabendo que existe. (Jaime André Schlogel "Pingo", entrevista concedida em 05/08/2023)

Márcio Duarte que trabalhou em uma agência de turismo e Thiago Dalmagro que é turismólogo de formação, conhecem os dois lados dessa relação. Há uma proteção do setor turístico na visão de Márcio,

Essa parte o turismo não deixa, eu percebo assim que a galera do turismo até por eu ter trabalhado no turismo, eu sei como funciona, eles tem medo de perder o turismo ali da mão deles, sair e o cara [turista] se virar sozinho, eles ficarem de repente não receber alguma grana [comissão], e eu estou falando a real porque eu convivi muito tempo no turismo... eu não consigo ver um uma luz nesse túnel aí do turismo mudar essa mentalidade, não tem esse relacionamento de turismo e cultura. Tem se for... onde você vai vender um show pra você ganhar comissão, aí vai, aí aquela coisa que já é vendido enlatado lá pra fora, aquele tipo de samba enlatado que na verdade o brasileiro não consome... eu não vejo uma coisa cultural.(Márcio Duarte, entrevista concedida 29/07/2023)

Da mesma forma Thiago vai um pouco além e percebe um problema na oferta dessa produção cultural para oferecer ao setor turístico, e levanta esse questionamento se há essa produção local visando o turismo, a considerar sua entrevista:

Eu acho que são afastados ainda, mas aí a gente tem que ver uma questão de oferta, se é uma oferta vamos dizer assim, uma oferta criada e se do nosso lado, quando eu falo do nosso lado apesar de ser turismólogo, eu falo assim do lado da criação que a gente está, não digo nem ofertar no sentido de produto. O que a gente está colocando na praça. Entendeu? Será que nesse sentido dá pra cobrar da indústria do turismo que eles olhem um pouquinho mais pro setor cultural? Será que o setor cultural, eu falo, eu jogo isso como pergunta e não tenho a resposta pronta pra isso, sinceramente será que os artistas estão oferecendo prum público de turistas? Não estou falando da galera dos atrativos turísticos, mas será que haveria o

interesse de um turista ver uma apresentação de um artista local, tem esse produto pra oferecer? Claro, tem atrativo em Foz do Iguaçu há muito tempo oferecendo uma coisa que não tem nada a ver com um produto cultural, que não tem nada a ver com a cidade. (Thiago Dalmagro, entrevista concedida em 25/04/2023)

Destaco essa reflexão no texto, baseado no impasse do destaque do turismo e a invisibilidade das expressões culturais de uma região de fronteira que possui muitas manifestações que são sequer vistas, ouvidas ou prestigiadas no local. Para que o músico iguaçuense possa desenvolver seu trabalho e seu meio de sobrevivência, ele se obriga a ficar entre as políticas públicas e a indústria do turismo que detém o entretenimento da cidade. Essa pressão que envolve a sobrevivência do músico local nos parece caracterizar o que é chamado de colonialismo interno (Casanova, 2007).

A categoria de colonialismo interno de Pablo González Casanova (2007) designa uma espécie de estrutura prolongada nas relações sociais, envolvendo a dominação e exploração entre grupos sociais heterogêneos dentro de uma sociedade alinhada à pluralidade e dualidade. Dessa forma, a classe ou os grupos dominantes exercem um controle do tipo colonial sobre outros grupos sociais, o que ocasiona a dominação cultural e a exploração material, reproduzindo internamente dinâmicas coloniais, de acúmulo de capital, presentes na história da América Latina.

De maneira semelhante é possível perceber que o músico iguaçuense passa por um colonialismo interno, pois produz um trabalho que depende estruturalmente dos centros econômicos, políticos e culturais, deixando ofuscada a produção autoral que se faz no seu espaço geográfico de expressão artística. Isso demonstra que, assim como os fenômenos próprios do capitalismo internacional formam áreas periféricas à margem, na realidade cultural/local do município é produzido um sistema de exploração intranacional como reflexo dos conhecidos padrões do colonialismo imperial.

Como Casanova (2007) aponta, o colonialismo interno dá-se no terreno econômico, político, social e cultural. As empresas visam o lucro e a boa imagem do caráter cultural nos seus patrocínios (muitas vezes com incentivos fiscais como acontecem nos dias atuais). Para Canclini (2013) a burguesia industrial acompanha a modernização produtiva, introduz novos

hábitos no consumo em que ela mesma impulsiona, cria espaços para a iniciativa privada protagonizar na reorganização do mercado cultural.

A partir destas reflexões iniciais e do diálogo com diversos músicos, adentramos no próximo capítulo, à relação entre música e políticas públicas em Foz do Iguaçu e reflexos destas políticas públicas na produção musical da cidade.

## **CAPÍTULO 2**

### **2. POLÍTICAS PÚBLICAS E RELAÇÃO COM A PRODUÇÃO MUSICAL DE FOZ DO IGUAÇU**

Neste segundo capítulo buscaremos desenvolver uma análise das políticas públicas de Foz do Iguaçu, a partir do acompanhamento e debate dos editais públicos, das iniciativas colocadas também nas mesas setoriais da Fundação Cultural, verificando, assim, se essas políticas trazem em si especificidades do que poderia caracterizar a produção cultural própria da cidade e essa diversidade da produção musical local.

Nos interessa perguntar se o setor cultural deveria ser protagonista na reorganização do mercado cultural em Foz do Iguaçu. O Brasil passou por um momento político delicado, em especial, para as políticas culturais durante os últimos anos. O setor cultural foi duramente atacado e perseguido sofrendo com os cortes em suas políticas que de fato afetou a ponta da cadeia cultural, sendo ela ancorada no artista anônimo e que vive fora dos grandes centros culturais do país. Se a realidade já era difícil para o músico de Foz do Iguaçu em termos de fomento para um trabalho autoral ou até mesmo de releituras de repertórios conhecidos, com a extinção do MinC – Ministério da Cultura no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), bem como a extinção da Secretaria de Cultura no governo do Paraná (2019-2022), restaram apenas alguns poucos editais do órgão cultural da cidade e de instituições do sistema S (SESC e SESI, por exemplo).

Além do impulsionamento local, é possível pensar na valorização das produções musicais promovidas no eixo Rio/São Paulo, que suprimem a valorização cultural local e absorvem os fomentos culturais de expressão econômica. Longe de questionar o “valor” de tais manifestações, entretanto, nas ações locais há uma predileção para a reprodução de repertórios já consagrados pela mídia. Ao artista local restam poucas oportunidades de demonstrar a sua criação musical, tendo como ponto importante os editais locais/regionais/estaduais.

De certa forma, é possível entender que essa relação de poder entre a música local e a música midiática expressa uma supervalorização da segunda em detrimento da primeira. Em *Sobre Música Popular*, o pesquisador Adorno (1986) traz uma discussão dividindo a música em duas esferas, quais sejam, a popular e a erudita e ainda faz algumas considerações do controle da música popular sobre as massas através da distração e desatenção, onde destaca que “os promotores da diversão comercializada lavam as mãos ao afirmarem que estão dando às massas o que elas querem” (Adorno, 1986, p. 136) e conclui que “em grande parte a escuta musical é um cimento social”.

Para a filósofa Marilena Chaui, diferente de Adorno, a música popular não tem o controle somente sobre as massas, às chamadas “camadas subalternas”, a classe média tem consumindo com bastante frequência a música popular. A filósofa destaca que:

No Brasil, fala-se, por exemplo, em música popular para designar todo o campo musical que escapa à chamada música erudita, mas nem sempre compositores e ouvintes pertencem às chamadas “camadas subalternas”, e sim à classe média urbana – se, no início deste século, os compositores mais conhecidos eram “lá do morro”, no final do século, grande parte da música popular é composta e ouvida por universitários. Em contrapartida, a chamada música sertaneja (designação mais frequente para a música caipira e para a moda de viola sob a influência de novos ritmos urbanos) corresponderia muito mais à ideia do “popular” como “subalterno”. Por outro lado, as composições mais admiradas pela população “popular” são aquelas que costumam receber a qualificação pejorativa de *kitsch* – Roberto Carlos, Nelson Ned e Teixeira e Silva sendo exemplares. Enfim, do ponto de vista oficial ou estatal, “popular” costuma designar o regional, o tradicional e o folclore. (Chaui, 2017, p 10)

Em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Walter Benjamin (2012) entende que as massas procuram na obra de arte distração (diversão), enquanto o conhecedor a aborda com recolhimento (devoção). Diante da reflexão em foco, Canclini (2008), ao citar Renato Ortiz, faz o alerta de que “no Brasil há décadas não se produz uma distinção clara como nas sociedades europeias, entre a cultura artística e o mercado massivo” (Ortiz, 1998 *apud* Canclini, 2008, p. 68). Já para Williams (2011, p.57) “em certos aspectos, uma cultura dominante não pode permitir que muitas dessas práticas e experiências fiquem fora de seu domínio sem correr certo risco”. O domínio da indústria do turismo sobre a cultura local impõe um fazer cultural

para o seu próprio benefício e de certa forma isola o restante da cidade dos bens culturais, limitando-a apenas aos raros eventos anuais no corredor turístico.

Reconhecemos, no entanto, que este é o momento do protagonismo do setor cultural com a recriação do Ministério da Cultura e da Secretaria de Cultura do Paraná, da aprovação e regulamentação das leis Aldir Blanc<sup>17</sup>, Aldir Blanc 2<sup>18</sup> e a Lei Paulo Gustavo<sup>19</sup>. São leis importantes e necessárias que se complementam e que foram criadas para o setor durante a pandemia do COVID-19, em que a cultura teve suas atividades totalmente interrompidas em todos os segmentos, mesmo assim houve uma grande luta para que essas leis fossem aprovadas, promulgadas e regulamentadas, sendo que duas delas foram vetadas pelo ex-presidente da república em 2022, mas os vetos foram derrubados pelo congresso. Essa retomada da cultura com um orçamento previsto em torno de 6,17 bilhões<sup>20</sup>, segundo o Portal da Transparência, cria uma expectativa de que a distribuição desse recurso atinja o maior número possível de artistas fora dos grandes centros e na ponta da cadeia cultural.

Atualmente, em Foz do Iguaçu está vigente um edital para o setor cultural, contemplando vários segmentos e artistas locais, o chamado “*Corredor Cultural de Foz do Iguaçu*”, que teve sua primeira edição em 2020<sup>21</sup> como emergencial, em decorrência da pandemia do Covid-19. O edital vigente

---

<sup>17</sup> LEI Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm)> Acesso em: 16 de mai. de 2023

<sup>18</sup> LEI Nº 14.399, DE 8 DE JULHO DE 2022. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/lei/l14399.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/l14399.htm)> Acesso em: 16 de mai. de 2023

<sup>19</sup> LEI COMPLEMENTAR Nº 195, DE 8 DE JULHO DE 2022. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp195.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp195.htm)> Acesso em: 16 de mai. de 2023

<sup>20</sup> Dados do Portal da Transparência. Disponível em: <<https://portaldatransparencia.gov.br/orgaos-superiores/42000-ministerio-da-cultura>> Acesso em: 16 de mai. de 2023.

<sup>21</sup> O Edital 01/2020 iniciou as inscrições no dia 10 de julho de 2020 visando constituir uma via econômica para auxiliá-los e manter a difusão cultural, conforme as indicações da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu em atendimento às demandas culturais e artísticas da sociedade, que se encontrava em grande parte em estado de isolamento social. FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU. Projeto Corredor Cultural de Foz do Iguaçu destinará R\$200 mil para contratação de artistas. Disponível em: <<https://culturafoz.pmf.pr.gov.br/#/site/noticia-detalle/538>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

da PORTARIA Nº 1.293/2022 é a segunda edição, sem o caráter emergencial e tem duas demandas, a primeira<sup>22</sup> de 11 de Outubro de 2022 e a segunda<sup>23</sup> de 07 de Fevereiro de 2023, com um total de 117<sup>24</sup> artistas, sendo 73 aprovados na primeira e 44 na segunda, divididos por área cultural, categoria e segmento. Para a área da música foram credenciados 57 artistas entre as categorias de apresentação, laboratório, palestra e mediação, nos segmentos solo, duo, trio, grupos e coletivos e a partir dos diversos gêneros musicais. Na primeira demanda foram 35 artistas credenciados e na segunda 22, nota-se que quase a metade do total de credenciados de todo setor cultural pertence à classe musical.

Nem sempre foi assim em Foz do Iguaçu, em especial, quando consideramos as políticas públicas culturais, visto que essas mobilizações começaram há pouco mais de dez anos, para uma cidade que tem 109 anos de emancipação. Ou seja, a cidade está muito atrasada nas questões dos incentivos culturais para os(as) artistas.

Em dezembro de 2009 foi instituído o Sistema Municipal de Cultura - SMC<sup>25</sup> através da Lei Municipal 3645/09, entre um dos objetivos era implantar o Conselho Municipal de Políticas Culturais - CMPC<sup>26</sup>, o Fundo Municipal de Incentivo à Cultura - FMIC e posteriormente elaborar o Plano Municipal de Cultura - PMC seguindo as diretrizes gerais do Plano Nacional de

---

<sup>22</sup> FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). EDITAL DE CHAMAMENTO Nº 02/2022. CREDENCIAMENTO DE ARTISTAS, PROFISSIONAIS E FAZEDORES DE CULTURA COMISSÃO DE CREDENCIAMENTO – PORTARIA Nº 1.293/2022 - 1ª DEMANDA - Diário Oficial Nº 4.514 de 11 de Outubro de 2022.

<sup>23</sup> FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). EDITAL DE CHAMAMENTO Nº 02/2022. CREDENCIAMENTO DE ARTISTAS, PROFISSIONAIS E FAZEDORES DE CULTURA COMISSÃO DE CREDENCIAMENTO – PORTARIA Nº 1.293/2022 - 2ª DEMANDA - Diário Oficial Nº 4.595 de 07 de Fevereiro de 2023.

<sup>24</sup> Os(as) artistas não eram impedidos de se inscrever em mais de uma categoria e nas duas demandas, esse dado não contou a repetição de vários(as) artistas, por entender que o principal é o número de artistas beneficiados e não a quantidade de atividades. Outro detalhe nesses números é não há distinção entre o individual ou coletivo, por exemplo: Solo = 1 artista, banda = 1 artista (os componentes não são contados separados)

<sup>25</sup> O Sistema Municipal de Cultura foi instituído pela Lei Nº 3645, de 10 de dezembro de 2009, que tem como objetivo implantar novos instrumentos institucionais, como o Conselho Municipal de Políticas Culturais - CMPC - o Sistema Municipal de Informações e Indicadores Culturais - SMIIC - Fundo Municipal de Incentivo à Cultura - FMIC - e posterior elaboração do Plano Municipal de Cultura - PMC

<sup>26</sup> DECRETO Nº 21.506, DE 26 DE JULHO DE 2012.

Cultura – PNC<sup>27</sup> que eram: a) Fortalecer a ação do governo no planejamento e na execução das políticas culturais; b) Incentivar, proteger e valorizar a diversidade artística e cultural; c) Universalizar o acesso dos cidadãos à fruição e à produção cultural; d) Ampliar a participação da cultura no desenvolvimento socioeconômico sustentável; e) Consolidar os sistemas de participação social na gestão das políticas culturais. Passaram-se, no entanto, catorze anos (2009-2023) e o Plano Municipal de Cultura, que era uma das principais missões do CMPC para a sua construção, ainda não saiu do papel<sup>28</sup>.

No âmbito nacional a primeira referência ao Sistema Nacional de Cultura - SNC<sup>29</sup> foi em 1968, a sua implantação foi em 2006 através de uma Emenda Constitucional instituída em 2012. No decorrer desses anos foi um longo processo na construção das políticas culturais no Brasil, desde a criação do primeiro Ministério da Cultura em 1985<sup>30</sup> e a primeira legislação federal de incentivo fiscal à produção cultural em 1986<sup>31</sup>. O setor cultural tem se mobilizado através dos conselhos e organizações da sociedade civil para construir uma política cultural democrática e descentralizada.

Uma lei de incentivo que ganhou destaque nas últimas décadas foi a Lei Rouanet<sup>32</sup>, mais pelo lado político ideológico do que pelo cultural. Trata-se de uma lei criada em 1991 e que de fato teve pouca adesão fora do eixo Rio de Janeiro e São Paulo, com uma barreira burocrática que

---

<sup>27</sup> Através do PL 6835/2006) Lei n. 12.343/2010 de 3/12/2010 institui o Plano Nacional de Cultura – PNC e cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Cultural – SNIIC.

<sup>28</sup> Uma das principais missões do conselho será a construção do Plano Municipal de Cultura; estimular a criação de setores para a arte, cultura e patrimônio; fomentar a modernização do Sistema Municipal de Cultura e fiscalizar recursos. PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. **Conselho Municipal de Políticas Culturais de Foz do Iguaçu tem nova mesa diretora.** Disponível em: <<https://www5.pmf.pr.gov.br/noticia.php?id=50542>> Acesso em 01 ago. 2023.

<sup>29</sup> Por meio da EC nº 71, a CF/88 é acrescida do Art. 216-A, que instituiu SNC, cuja finalidade é organizar a gestão pública de cultura em regime de colaboração, de forma descentralizada e participativa, para o desenvolvimento de “políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, pactuadas entre os entes da Federação e a sociedade”. MINISTÉRIO DA CULTURA. **Sistema Nacional de Cultura.** Disponível em: <<http://portalsnc.cultura.gov.br/historico-2/>> Acesso em: 01 ago. 2023.

<sup>30</sup> Entre 1983 e 1985, nos debates do Fórum Nacional de Secretários de Cultura, uma das propostas mais recorrentes era a da criação do Ministério da Cultura, o que foi concretizado no dia 14 de março de 1985. Ibid

<sup>31</sup> A Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986. Ibid

<sup>32</sup> Em 1991 foi aprovada a Lei Rouanet- Lei nº 8.313, que instituiu o Programa Nacional de Apoio à Cultura restabelecendo os mecanismos de incentivos fiscais para financiamento à cultura que vigoram até hoje. A lei também prevê a organização nacional sistêmica da área da cultura (art. 31), em alusão ao SNC. Ibid

dificultou a sua descentralização. Ao longo dos meus trinta anos que moro em Foz do Iguaçu, não tive notícia de alguma produção musical local contemplada pela Lei Rouanet, na verdade começamos a discutir as leis de incentivo na cidade a partir da criação do CMPC no município e partir deste diálogo começamos a criar ações para ter acesso a essas políticas.

Em 2012, participei do Setorial de Música discutindo a elaboração do Plano Municipal da Música – PMM de Foz do Iguaçu seguido do formato do Plano Nacional da Música – PNM, que visava desenvolver políticas públicas de estado no sentido de orientar as ações de governo para o setor e considerando todos os elos da cadeia produtiva da música. Após essas mobilizações ocorridas e iniciadas em 2012 com o Setorial da Música e as discussões no CMPC, tivemos algumas pequenas mudanças em relação ao setor musical da cidade e uma delas foi o formato da contratação dos músicos para os grandes eventos da cidade através dos editais realizados pela Fundação Cultural do município.

Os primeiros editais ocorreram em 2012, e tinham um formato de inscrição através de um formulário sem a necessidade de comprovação documental como ocorre nos dias atuais, e naquele ano a Feira de Artesanato e Alimentos (FARTAL), que se trata do evento mais importante por ocorrer na data do aniversário do município foi uma grande vitrine para os(as) artistas da cidade, a Fundação Cultural utilizou esse modelo de contratação dos(as) artistas locais. Também em 2012 foi realizada a Virada Cultural Paraná<sup>33</sup> em Foz do Iguaçu, Maringá, Campo Mourão, Cianorte e Curitiba, promovida pela Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) e a escolha dos(as) artistas iguaçuenses foi através de um edital/formulário criado pela Fundação Cultural de Foz, o que possibilitou uma diversidade cultural nos palcos que não era possível de ser visualizado no antigo formato de contratação dos(as) artistas locais, ou seja, por indicação política, na maioria das vezes.

---

<sup>33</sup> Estimular a descentralização da cultura no Estado faz parte das metas de governo definidas para a SEEC. Assim a Secretaria promove a circulação dos grupos que se apresentam no Palco Conexões pelas cidades participantes, contribuindo para divulgar e fortalecer a diversidade cultural do Paraná. Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Noticia/Secretaria-da-Cultura-realiza-virada-cultural-no-interior-do-Parana>> Acesso em: 01 Ago. 2023

Com a mudança da gestão municipal em 2013, até 2014 a contratação foi realizada sob consulta do Setorial da Música no CMPC, mas a partir de 2015 o edital voltou a ser a porta de entrada dos(as) artistas nos eventos anuais do município, ou seja, além da FARTAL, a Feira Internacional do Livro de Foz do Iguaçu, o Natal de Foz e o carnaval aderiram aos editais. Mas ainda não era suficiente para manter as produções iguaçuenses o ano inteiro e necessitava de um incentivo para a circulação das produções fora do corredor turístico e dos grandes eventos, principalmente nos bairros periféricos onde a cultura dificilmente chega até parte da população.

Enquanto isso, nos bairros, em suas praças, nos parques e até na praia de Três Lagoas continuam sem utilização para eventos culturais, deixando assim de movimentar a economia da comunidade local, oportunizando ganhos extras para os comerciantes e trabalhos temporários, ou seja, para quem está sem renda ou na informalidade.

Nos bairros que possuem seu próprio público e seus próprios artistas, o movimento cultural local poderia promover alguma ação em lugares simples, mas com uma estrutura adequada para uma apresentação artística, proporcionando o entretenimento da comunidade, valorizando o morador da sua região que também passa a produzir e consumir suas próprias atividades artísticas. Trazendo essa reflexão para a música, de acordo com o etnomusicólogo Gerard Béhague,

A música resulta da expressão de práticas sociais coerentes, o que se identifica com certas tendências da etnomusicologia contemporânea que se preocupam não só com a música na sociedade, mas também com a sociedade na música (ref.J. Shepherd, Music as Social Text, e o conceito de sociomusicologia). (Béhague, 2006, p.74)

A música no cotidiano traz modificações em torno de toda uma comunidade e pode passar a fazer parte não somente como um entretenimento, mas sim como um agente modificador no meio. No início de sua carreira artística, o músico Pingo fazia parte de um grupo de teatro em um momento de inexistências de políticas públicas para a cultura, de forma independente o grupo transitava pelas artes em geral, saindo das quatro

paredes do teatro para os quatro cantos da cidade, segundo o relato do músico:

Comecei a trabalhar com gente de teatro aqui, a gente promovia a cultura em vários lugares e de maneira independente e tudo, e naquela época a gente começou a se organizar e eu comecei a entender mais ou menos o que era política pública de cultura. Não tinha na época e ela foi crescendo aos poucos, assim, até com alguns projetos que a gente fez com a companhia fora do teatro, no Teatro Barracão, de levar a cultura principalmente para os bairros, assim, mas isso acabou muito cedo. (Jaime André Schlogel “Pingo”, entrevista concedida em 05/08/2023)

Esse cenário começa a mudar com a aplicação do Fundo Municipal de Incentivo à Cultura em 2015, quando foi lançado um edital<sup>34</sup> de seleção e contratação de projetos artísticos e culturais nas áreas de Música, Teatro, Dança, Literatura, Cultura Popular, Artes Visuais e Arte Circense, com o objetivo de descentralização da cultura. Com um valor total de R\$250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais) para serem divididos entre os 30 projetos que fossem selecionados, sendo 20 projetos apresentados por pessoas jurídicas e 10 projetos por pessoas físicas, o edital teve 47<sup>35</sup> projetos inscritos, com 10 projetos representando a música, mas o resultado saiu no início de 2016 com apenas 20 projetos contemplados, dos quais cinco foram musicais.

Entre os projetos contemplados estavam “Música na Avenida” de Noel Silva e “Regravação LP – Conflitos Sociais” da banda Tumulto, relatados por eles durante as entrevistas concedidas. *“Por exemplo, eu tenho um projeto Música na Avenida que eu faço patrocinado por empresa”*. (Silva, 2023). *“A regravação do conflitos sociais em dois mil e dezesseis...esse foi pelo incentivo da Fundação Cultural...aí a gente escreveu que a gente queria regravar, e aí deu certo, aí a gente regravou”*. (Duarte, 2023).

Ainda em 2016 foi lançado um edital do FMIC com o restante do valor do edital anterior porque não havia atingido o número proposto de

---

<sup>34</sup> Seleção e contratação de projetos artísticos e culturais para fins de implantação e execução do Projeto de Produção, Circulação e Fomento Cultural. Disponível em: <<http://pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=91759>> Acesso em: 01 Ago. 2023

<sup>35</sup> RELAÇÃO DOS PROJETOS APROVADOS NO EDITAL 002/2015. Disponível em: <<http://pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=92602>> Acesso em: 01 Ago. 2023

contemplados. Foram ofertadas cinco vagas para oficinas<sup>36</sup> com um incentivo de R\$20.000,00 (vinte mil reais) por projeto. As contratações do carnaval da cidade, conhecido como CARNAFALLS, também se deram via edital nesse mesmo ano e se mantendo até os dias atuais.

A música autoral ganha destaque em dois grandes eventos do município, oportunizando uma grande visibilidade para a composição local e premiando através das políticas públicas de fomento. Em 2014 pela comemoração ao centenário da cidade de Foz do Iguaçu, foi realizado o primeiro concurso de marchinhas de carnaval, que ocorreu durante o Carnaval da Saudade<sup>37</sup> como parte da programação do CARNAFALLS, onde os participantes traziam como tema nas letras a história da cidade e suas belezas naturais, sendo que este foi um dos critérios do regulamento para concorrer. Em 2015 teve a segunda edição do concurso de marchinhas. Em 2016 foi realizado o 1º Canta Foz<sup>38</sup>, um festival de música nas categorias interpretação e composição realizado dentro da programação da 40º FARTAL, durante três dias com etapas eliminatórias nos dias 06 e 07 de junho e a grande final que ocorreu no dia 08 de junho. Foram 42 participantes no total, divididos nas duas categorias. Infelizmente esses foram os últimos festivais de música autoral promovidos pelo poder público, restando apenas os compositores iguaçuenses buscarem festivais em outras cidades e/ou estados para defender suas canções.

Por certo, os(as) musicistas com trabalhos autorais continuavam buscando nos editais e nas leis de incentivos a possibilidade de manter as suas produções, assim fortalecendo não só as apresentações, mas também o mercado dos estúdios de gravação existentes na cidade. Uma das

---

<sup>36</sup> EDITAL DE SELEÇÃO 004/2016, FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU, SELEÇÃO E CONTRATAÇÃO DE PROJETOS DE OFICINAS ARTÍSTICOS E CULTURAIS. Disponível em: <blob:https://www5.pmf.pr.gov.br/1e6f86f0-5fc3-4b4a-90ca-a3d7515481ae> Acesso em: 01 Ago. 2023

<sup>37</sup> Prefeitura de Foz do Iguaçu está com inscrições abertas para o Carnaval. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/02/prefeitura-de-foz-do-iguacu-esta-com-inscricoes-abertas-para-o-carnaval.html> Acesso em 03 ago. 2023

<sup>38</sup> Festival de interpretação e composição com premiação para os três primeiros de cada categoria. Artistas iguaçuenses brilham durante o “Canta Foz”. Disponível em: <https://www.radioculturafoz.com.br/2016/06/09/artistas-iguacuenses-brilham-durante-o-canta-foz/> Acesso em 03 ago. 2023

principais dificuldades é a questão financeira, ou seja, montar uma produção para gravar envolve muitos profissionais, como músicos, produtores, técnicos de som, equipe de apoio nos estúdios, além do espaço físico que é a sala de gravação, o que acarreta um alto custo para quem é independente. Para Thiago Dalmagro (Pulso Estúdios) -que convive com essa dificuldade entre os seus clientes na hora de gravar-, ao passo que as políticas públicas se tornam mais presente no fomento à cultura, toda a cadeia cultural independente do segmento, movimenta a economia local e uma parcela de trabalhadores que vivem nos bastidores das produções, como acontece nos estúdios do município. Thiago destaca a importância dos editais para as produções:

Há uns quatro ou cinco anos recebi vários clientes de editais, e é uma oportunidade também para o estúdio porque eu busco ficar atento a esse tipo de coisa. Inclusive já fui, já fomos né, jurados [avaliador] na Fundação Cultural. Então tento me inteirar do processo para inclusive incentivar alguns artistas a fazer um projeto, se precisar, eu te ajudo em alguma coisa, Que eu possa ajudar com informações e tal pra ver se esse cara tenta. Porque tem gente com quem você quer trabalhar. Sim aí geralmente essa pessoa não tem grana, se bem enfim tenha grana, então cara vai lá, outubro sempre tem edital, sempre está pra levar uma grana pra fazer um disco ou um EP, enfim eu acho super importante, mas é burocrático e tem que ser! Infelizmente é coisa pública, então tem que ter esse cuidado. (Thiago Dalmagro, entrevista concedida em 25/04/2023)

Espaços como o estúdio foram importantes no período da pandemia em 2020, sendo para música autoral ou cover, visto que, muitos(as) musicistas recorreram ao formato das *lives* para realizar suas apresentações e assim ter uma arrecadação. O *couvert* artístico virtual foi importante para muitos(as) musicistas durante as transmissões. Alguns estúdios investiram em equipamentos de vídeo para realizar essas apresentações, já que o seu foco era a gravação de áudio e tiveram que se adequar para esse novo mercado. Alguns fizeram parceria com produtoras de vídeo, que também tiveram suas atividades interrompidas no período de isolamento, o que deixava as *lives* mais profissionais com qualidade de som e imagem. Mas como citei no parágrafo anterior, o custo é alto para quem é independente, ainda mais em um período em que os trabalhos foram interrompidos. No primeiro momento também houve

uma parceria entre artista e estúdio enquanto não havia uma resposta do poder público e uma solução mais imediata.

A primeira solução apresentada foi o Auxílio Emergencial<sup>39</sup> para todos os cidadãos brasileiros que se encontravam impedidos de exercer sua profissão, que na grande maioria estava no trabalho autônomo ou na informalidade. Mas algumas categorias sofreram restrições no recebimento desse auxílio, e a classe artística foi incluída no veto<sup>40</sup> presidencial de maio de 2020. Diante do avanço da pandemia e todas as atenções financeiras voltadas para o combate do Covid-19 com o remanejamento de verbas para as pastas da saúde nas três esferas (federal, estadual e municipal), o setor cultural agonizava sem as políticas públicas disponíveis, sem os editais do sistema S, mesmo os que estavam em andamento não poderiam ser utilizados devido às restrições.

A solução encontrada e disponibilizada - depois de muita luta do setor artístico e cultural -, foi a criação da Lei Aldir Blanc (LAB), com um aporte de R\$ 3 bilhões para serem divididos entre os estados, municípios e o Distrito Federal. A cidade de Foz do Iguaçu recebeu R\$ 1.707.152,20 (um milhão, setecentos e sete mil, cento e cinquenta e dois reais e vinte centavos)<sup>41</sup>. Mas havia uma dificuldade para ter esse benefício, quais sejam, a burocracia que exigia certidões negativas, análise de currículo e uma comprovação de renda que não poderia ter recebido rendimentos tributáveis acima de R\$28.559,70 em 2018. O que parecia emergencial se tornou um pesadelo para alguns(as) artistas, o que obrigou o poder público rever essas exigências, pois a classe não poderia mais esperar.

---

<sup>39</sup> LEI Nº 13982, DE 02 DE ABRIL DE 2020. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/l13982.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13982.htm)> Acesso em: 04 ago. 2023.

<sup>40</sup> MENSAGEM Nº 268, DE 14 DE MAIO DE 2020. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/Msg/VEP/VEP-268.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Msg/VEP/VEP-268.htm)> Acesso em: 04 ago. 2023.

<sup>41</sup> Ano XXIV Diário Oficial Nº 3987 de 15 de Outubro de 2020 Página 5 de 57 [www.pmfi.pr.gov.br](http://www.pmfi.pr.gov.br). DECRETO No 28.612, DE 9 DE OUTUBRO DE 2020. Disponível em: <[https://portal.unila.edu.br/programas-pos-graduacao/biociencias/arquivos/PMFI\\_Decreto\\_2020.28612\\_covid19\\_apoio\\_cultura\\_regulamento.pdf](https://portal.unila.edu.br/programas-pos-graduacao/biociencias/arquivos/PMFI_Decreto_2020.28612_covid19_apoio_cultura_regulamento.pdf)> Acesso em: 04 ago. 2023

No dia 22 de outubro de 2020 foi lançado o primeiro edital da Lei Aldir Blanc de nº 02/2020<sup>42</sup> para espaços artísticos e culturais de Foz do Iguaçu, encerrando as inscrições em novembro. Em dezembro deste mesmo ano foram lançados mais três editais, o mesmo nº 02/2020 direcionado para a premiação de trajetórias artísticas culturais, um para apresentações online que foi o nº 03/2020<sup>43</sup> e o nº 04/2020<sup>44</sup> para licenciamento de conteúdo cultural digital.

Com essa oferta de editais num espaço de dois meses, após um período de pandemia que já durava praticamente oito meses, talvez fosse motivo de celebração do setor, mas alguns detalhes nos chamaram a atenção, dentre eles, o prazo para a distribuição dos recursos terminava no dia 31 de dezembro de 2020, pois naquele momento a LAB era um decreto e não lei e com a virada do ano o valor não utilizado poderia voltar para a União ou ficar bloqueado. Outro detalhe foi a forma excludente do edital para a premiação de trajetórias, com a distribuição de apenas 50 prêmios divididos em: 1) Trajetória individual na área artística cultural e de mestres e mestras da cultura popular com 35 prêmios de R\$ 5.000,00; 2) Trajetória de Grupos, Coletivos ou Organizações da área artística cultural com 15 prêmios R\$ 10.000,00; Totalizando R\$ 325.000,00. Talvez possa ser uma contradição de minha parte, considerando que fui um dos contemplados neste edital, mas acredito que poderia ter sido melhor distribuído estes valores, com isso, contemplando mais artistas da cidade. É preciso mencionar ainda que, sobre esses valores houve uma retenção de Imposto de Renda na fonte para Pessoa Física.

Apesar das questões apontadas, editais como esses deram um respiro para a classe artística e nos espaços utilizados por eles. Conforme já mencionamos, os estúdios de gravação abriram o mercado das *lives* e o

---

<sup>42</sup>Edital de Chamamento Público para espaços artísticos e culturais de Foz do Iguaçu Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/api/edital/download/2022-1630594236230e01a6ae0-0696-4db7-863d-8790b3>>

<sup>43</sup> Edital de Chamamento Público nº03/2020 - Habilitação de apresentações on-line de profissionais da cultura para o Festival do Isolamento Social. Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/#/site/edital-detalle/33>> Acesso em: 04 ago. 2023

<sup>44</sup> Edital de Chamamento Público nº04/2020 - Licenciamento de conteúdo cultural digital Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/#/site/edital-detalle/34>> Acesso em: 04 ago. 2023.

retorno das gravações, pois os músicos com os incentivos da LAB puderam investir nesse formato de apresentação e na retomada das suas produções.

Em 2021 com a prorrogação da LAB, outros incentivos vindo do governo estadual do Paraná intensificaram ainda mais essa retomada da classe artística e no recomeço das ações interrompidas, não só como apresentações, mas também em qualificação, a exemplo da Bolsa Qualificação<sup>45</sup> ofertada através da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, com recursos oriundos da LAB que abriu 12 mil vagas em todo o estado. Deste total, Foz do Iguaçu tinha direito a 274 vagas.

O momento pandêmico exigiu algumas habilidades no fazer cultural e principalmente com os recursos tecnológicos que foram importantes durante o isolamento social. Outros incentivos estaduais foram se somando aos municipais nos anos seguintes, sejam eles através de editais ou auxílio para o Microempreendedor Individual - MEI, na qual dependem uma significativa parcela de músicos. Um dos editais mais concorridos do estado foi o Prêmio Memorial de Vivências, realizado pela Universidade Estadual do Paraná - Unespar e a Secretaria da Comunicação Social e da Cultura - SECC, por meio do Termo de Cooperação Técnica e Financeira (UNESPAR, 2022). Ao todo 1.065 artistas de dez segmentos culturais foram contemplados com um prêmio individual de R\$ 5 mil reais, totalizando um investimento global de R\$5.325.000,00, sendo que cada segmento premiou 745 artistas do interior e 320 da capital. Foram 3.620 inscritos e dos dez segmentos culturais, a música teve o maior número de inscrição, 931 ao todo, cerca de 25%.

É notório que o setor musical tem a maioria dos participantes nos editais que são divididos com outros segmentos culturais, como foi demonstrado no início do capítulo, o mesmo ocorreu no edital do Corredor Cultural de Foz do Iguaçu em que quase 50% das inscrições vêm da classe musical. Isso é o reflexo da busca que o músico tem pelas políticas públicas, com a oportunidade de produzir sem correr o risco de não alcançar o resultado desejado e assim ter que arcar com o prejuízo.

---

<sup>45</sup> Programa Bolsa Qualificação Cultural. Disponível em: <<https://www.cultura.pr.gov.br/Pagina/Bolsa-Qualificacao-2021>> Acesso em: 04 ago. 2020

Formação de público não acontece da noite para o dia, montar uma produção musical não é simplesmente escolher um repertório de um gênero musical ou vários, subir no palco e sair tocando. Se não que envolve uma série de processos, relações e profissionais nesta cadeia. O músico de música popular, historicamente já é marginalizado, não sendo reconhecido como um profissional, mas sim, a maioria da população, entende a atuação musical como uma diversão e não como um trabalho. Dificilmente um artista anônimo consegue um patrocínio da iniciativa privada, o empresário não vai querer sua marca vinculada a um produto desconhecido, e essa é uma das dificuldades das leis de incentivo, como por exemplo, a Lei Rouanet, em que mesmo o artista sendo autorizado a captar os recursos, ele não consegue uma empresa para patrociná-lo. Ou seja, o mercado dita as regras, independente de onde venham os recursos. Pingo levanta uma questão entre a cultura e o turismo e o direcionamento dos editais priorizando o corredor turístico:

O que eu vejo aqui, na verdade, desde um primeiro momento, é o sequestro da verba pública de cultura, é o sequestro da mentalidade cultural, aqui um setor privado de turismo, onde eles direcionam todas as vontades, todos os capitais para uma autopromoção sem se preocupar com o povo da cidade, só se preocupando com os lucros advindos do turismo, o tempo todo eu sempre critiquei esse tipo de política, tanto royalties de Itaipu, tanto lucros de entrada de cataratas [Parque Nacional], tanto a porcentagem da receita do município que é destinado para cultura [...] E daí eles acham que fazem um grande favor pra cidade lançando um monte de edital aonde a gente não sabe onde vai tocar, nem o dia, fica a mercê do calendário turístico, sabe? Sendo que poderia ser pensado diferente esse sistema de cultura popular, né? (Jaime André Schlogel “Pingo”, entrevista concedida em 05/08/2023)

Esse debate da relação das políticas públicas e a indústria do turismo, levarei para o próximo capítulo. No entanto, é importante mencionarmos neste capítulo a crítica ao processo de construção de políticas públicas somente montada a partir da perspectiva dos editais públicos.

O que seria solução para alguns, os editais para outros se tornam um problema, principalmente para os(as) artistas que têm dificuldades em montar um projeto, acessar as plataformas de inscrição, lidar com toda a burocracia que é exigida para se obter um incentivo estatal. A expectativa na democratização da cultura através dos editais, tem tido um caráter excludente para uma parcela de artistas, que sequer tem conhecimento da existência de

tais políticas públicas, artistas que desanimam na primeira tentativa quando abrem o edital e se deparam com a quantidade de documentos exigidos para tentar uma possível vaga de um edital, que às vezes nem tem a garantia de contratação.

Estela Rodrigues e Noel Silva começaram as suas carreiras antes da criação do MinC e da primeira Lei de incentivo à Cultura, o formato de contratação de artistas através do poder público se dava na sua grande maioria por questões políticas, raramente por questões artísticas. Quando eu perguntei como avaliavam o novo formato de contratação da Fundação Cultural, a resposta foi que tiveram dificuldade e que sem a ajuda não teriam conseguido ter o incentivo público. Como conta Estela:

Eu por exemplo enquanto continuei cantando na FARTAL, na Feira do Livro, enquanto eu cantei no carnaval, enfim que eu cantei no Natal, eu consegui todas as vezes resolver os problemas pra mim poder participar dos eventos da Fundação Cultural, com regras que eles colocaram, só que eu a Estela Rodrigues, não a cantora, mas a Estela Rodrigues a que ama a cultura, ama ver as pessoas brilharem no palco, me entristece porque nem todo mundo tem a mesma garra talvez pra correr atrás, tem um advogado ou tem dinheiro pra poder conseguir gastar fazer com isso, eu não tô dizendo que eu tenho, eu tive ajuda, mas nem todo mundo teve, nem todo mundo tem. (Estela Rodrigues. Entrevista concedida via *Messenger* do *Facebook* em 03/01/2024)

Noel Silva ainda destaca a concorrência com um artista mais jovem e que tem facilidade com a tecnologia exigida nos dias atuais,

As pessoas... de mais idade né, tem dificuldade de entrar naqueles editais, tem que por muita coisa ali, o cara já não é na computação igual os daí de agora, né, que vão deixar um negócio bonito e tal e sempre a gente é mais prejudicado nessa parte... Então eu acho assim na hora do edital você faz pede ajuda pra filha que se entende mais nesse computador, faz tudo, faz na época, na hora lá. Aí o seu trabalho lá no edital não está do jeito que vai ser lá na hora. Não consegue, não consegue acompanhar um jovem que sabe de tudo ali mexer. (Noel Silva. Entrevista concedida em 04/04/2023)

Pingo sinaliza a falta de formação de público em relação aos editais e a falta de direcionamento para os bairros da cidade, como ele destaca:

Os editais na verdade é uma forma deles ficarem direcionando dinheiro pra eventos, poucos eventos que eles fazem e que geralmente são esvaziados, assim, e são esvaziados porque não nunca teve uma formação de público, nenhuma formação de profissionais. Eu acho que é muito aquém do que a cidade precisa,

sabe? E esse tipo de administração de o gestor público se esconder atrás de uma mesa e fica lançando edital ao invés de ir a campo, de ir falar com os artistas, ver o que se precisa de levar a cultura pra os bairros ao invés de direcionar tudo pra o setor turístico e, basicamente, montar o calendário cultural da cidade com base em temporadas turísticas, sabe? Essa confusão, essa mistura que é feita não de agora, mas desde sempre, mas que eles não conseguem mudar. (Jaime André Schlogel “Pingo”, entrevista concedida em 05/08/2023)

Edital é uma das ferramentas das políticas públicas, o que muitas vezes o gestor torna essa prática como uma única forma de se fazer cultura e que com o edital tudo se resolve, mas o que adianta não ter uma continuidade, não ter condições adequadas de trabalho, não ter planejamento para que essas ações culturais sejam permanentes? Como disse o então ministro da Cultura Gilberto Gil (2003) em que *“é preciso acabar com essa história de achar que a cultura é uma coisa extraordinária. Cultura é ordinária! Cultura é igual feijão com arroz, é necessidade básica”*. Os editais têm prazo de validade, com um orçamento limitado e atinge uma pequena parcela de artistas que ficam sempre na espera do próximo processo seletivo a ser lançado anualmente, e quando são.

*A “editalização” da cultura, sem uma política pública estruturante corre o risco de cair em armadilhas neoliberais, ou mimetizar um show de “quem quer dinheiro” na cultura* (Bahia, 2023, p. 38). O que tem ocorrido nos últimos anos é uma corrida pela sobrevivência através dos editais, principalmente no período pós pandemia em que uma política de emergência cultural era necessária para o setor, mas não definitiva, mesmo porque o modelo adotado também foi excludente e mal distribuído, o show de “quem quer dinheiro” ficou com a mesma parcela de artistas que já tinha conhecimento e como funcionava esse formato de incentivo cultural. Essa má distribuição de recursos ou mesmo a falta do mesmo em relação à LAB no Estado do Paraná, foi tema de *A crise da cultura*, uma série de reportagem realizada pelo jornalista Rodrigo Juste Duarte, com colaboração do Observatório da Cultura do Brasil, publicada no Le Monde Diplomatique Brasil:

Os recursos da lei Aldir Blanc, segundo relatório do Fórum de Cultura do Paraná, tiveram origem no Orçamento de Guerra de combate à Covid-19, (PEC/10, Decreto 106), portanto destacam os direitos dos cidadãos, amplos de acesso aos recursos sociais. Segundo entrevista

realizada pelo Observatório da Cultura do Brasil com o professor Humberto Cunha, da UNIFOR-CE (autor dos livros “Teoria dos Direitos Culturais: Fundamentos e Finalidades”, “Federalismo Cultural e Sistema Nacional de Cultura” e “Teoria dos Direitos Culturais Como Direitos Fundamentais”), esses direitos seriam constitucionais, e no caso da cultura, segundo ele, estariam no rol dos “direitos culturais” com “finalidade assistencial”. Esses direitos garantiriam, para uma enorme gama de atividades, o acesso aos recursos. Mas o que tem sido exposto em diversos estudos pelo Brasil, é que a ampla maioria dos trabalhadores da cultura pode ter sido excluída dos benefícios desta lei, durante a pandemia. (Duarte, 2021)

Nessa época da reportagem, eu fui procurado pelo jornalista para relatar como estava sendo a aplicação desses recursos aqui em Foz do Iguaçu, como a cidade tem esse potencial turístico, os turistas ficaram meses sem viajar e as fronteiras fechadas, o mercado de trabalho dos(as) artistas foi praticamente à zero, restando apenas as chamadas *lives* e uma esperança dos editais divulgados como emergências culturais. Mas o que se viu na prática naquele momento, foi uma barreira burocrática que até hoje ainda dificulta os direitos constitucionais de ter políticas públicas e culturais permanentes, e não apenas emergenciais como os editais ainda são lançados nos dias atuais.

Pensar em uma política pública para resolver o presente sem olhar para o futuro tem sido um grande erro, e a “editalização” da cultura, como apontou Lia Bahia, em que aqui na cidade essa prática segue o roteiro atendendo o calendário turístico, tem sido cada vez uma disputa entre a classe artística no “salve-se quem puder” e não por uma política pública igualitária, permanente. Gilberto Gil no seu discurso de posse como ministro da cultura já sinalizava a preocupação do imediatismo na cultura e a relação do mercado em conduzir a política cultural:

O Estado não deve deixar de agir. Não deve optar pela omissão. Não deve atirar fora de seus ombros a responsabilidade pela formulação e execução de políticas públicas, apostando todas as suas fichas em mecanismos fiscais e assim entregando a política cultural aos ventos, aos sabores e aos caprichos do deus-mercado. É claro que as leis e os mecanismos de incentivos fiscais são da maior importância. Mas o mercado não é tudo. Não será nunca. Sabemos muito bem que em matéria de cultura, assim como em saúde e educação, é preciso examinar e corrigir distorções inerentes à lógica do mercado que é sempre regida, em última análise, pela lei do mais forte. Sabemos que é preciso, em muitos casos, ir além do imediatismo, da visão de curto alcance, da estreiteza, das insuficiências e mesmo da ignorância dos agentes mercadológicos. Sabemos que é preciso suprir as nossas grandes e fundamentais carências. (Gil e Zappa, 2013 p. 304)

## CAPÍTULO 3

### 3. CORREDOR TURÍSTICO E A PRIVATIZAÇÃO CULTURAL

O contexto de relação de valor entre as manifestações culturais é capaz de conduzir à reflexão sobre os meios materiais de produção, portanto, o materialismo histórico dialético pode ser um caminho bastante denso, mas esclarecedor do modelo de produção cultural ao qual esse texto se dedica. A cultura deve ser entendida como produto do processo produtivo, ela está ligada tanto ao consumo como à produção. Entretanto, quando os meios de produção do turismo no município, detém as condições de produção, as expressões culturais locais ficam em segundo plano seguindo a exigência do grupo dominante de mercado.

A realidade local de manifestação musical poderia passar pela transformação de consciência tão aclamada por Marx, ou melhor falando, será a partir das discussões que os(as) artistas envolvidos nas manifestações musicais tomarão consciência de que estão produzindo bens de consumo sem condições concretas de produção. Nesse sentido José Paulo Netto (2006) destaca o prefácio da obra de Marx *Para a crítica da economia política* que trata da formação da consciência humana “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência” (Netto, 2006, p. 26). Portanto, será no resultado das ações concretas dos trabalhadores/músicos que as relações sociais objetivas serão criadas e acabarão por determinar as suas vidas, ou melhor dizendo, quem faz a história da música iguaçuense também é feito por ela, assim sendo para que as gerações posteriores se apropriem de tais produções de forma dialética é necessário também a conservação e rupturas.

Durante a campanha “A música é o meu trabalho” no auge da pandemia da Covid-19, mais que ser solidário com os colegas em situação de abandono pelo poder público naquele momento, foi também um alerta para um problema recorrente com quem trabalha com arte, sim é trabalho, como outro qualquer que existe no capitalismo, mas que é visto como uma diversão aos olhos da sociedade. A profissão de musicista é amparada pela LEI nº 3.857, de

22 de dezembro de 1960 no ato da criação da Ordem dos Músicos do Brasil - OMB<sup>46</sup>, durante o governo do Presidente Juscelino Kubitschek, que ao longo desses mais de sessenta anos em vigência, pouco foi seguida e respeitada por contratantes e o poder público. Em 2019, vide ADPF<sup>47</sup> nº 183<sup>48</sup>, a obrigatoriedade de possuir a carteira de musicista foi considerada inconstitucional,

O Procurador-Geral da República justifica a propositura da arguição sob a consideração de que, ao estabelecer requisitos para o exercício da profissão de músico e instituir o poder de polícia sobre essa atividade, a Lei 3.857/1960, publicada antes da Constituição de 1988, seria incompatível com a liberdade de expressão artística e com a liberdade profissional, ambas garantidas por preceitos fundamentais da CF/88 (art. 5º, IX e XIII), razão pela qual pede seja ela declarada revogada diante da atual ordem constitucional. (ADPF, 2019, p. 10)

A bem da verdade é que a OMB tem desaprovação da grande maioria da classe musical, por não conhecer a entidade e a lei que rege ou por não ter na autarquia uma representatividade, o que nos resta aquele sentimento de cada um/a por si e o mercado contra todos/as. Um claro desrespeito com o trabalhador músico foi o edital de chamamento público nº 04/2023 com recursos da Lei Paulo Gustavo no final do ano de 2023, em que ao preencher o formulário de inscrição no item “1.30 Principal função/profissão da PJ no campo artístico-cultural: (assinale apenas uma opção)”, a profissão músico estava ausente, restando o artista marcar a opção ‘artista’ ou “outra”, num total de quarenta e oito profissões artísticas. Segundo meu questionamento à Fundação Cultural, a minuta foi produzida pelo MinC e não foi alterada pela instituição local. A ausência da profissão de músico no edital pode ter sido um erro de digitação? Talvez sim, mas foi inaceitável por termos

<sup>46</sup> Cria a Ordem dos Músicos do Brasil e Dispõe sobre a Regulamentação do Exercício da Profissão de Músico e dá outras Providências. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3857.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3857.htm)> Acesso em: 12 jan. 2024

<sup>47</sup> Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental - ADPF. Ação proposta ao Supremo Tribunal Federal com o objetivo de evitar ou reparar lesão a preceito fundamental resultante de ato do poder público. A ADPF não pode ser usada para questionar a constitucionalidade de lei, exceto as municipais ou anteriores à Constituição de 1988. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/guia-juridico/arguicao-de-descumprimento-de-preceito-fundamental-adpf#:~:text=A%C3%A7%C3%A3o%20proposta%20ao%20Supremo%20Tribunal,de%20ato%20do%20poder%20p%C3%BAblico>> Acesso em: 12 jan. 2024

<sup>48</sup> Disponível em: <<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=751377825>> Acesso em: 17 mar. 2024.

a Ministra da Cultura Margareth Menezes, justamente vinda da classe musical, como também fica aquele sentimento da não existência da profissão musical em dados oficiais.

Essa falta de reconhecimento como profissão mesmo amparada por uma lei, como um trabalhador, é unânime na classe musical o descontentamento com a falta de apoio da sociedade e inclusive por familiares, o que foi visível no período da pandemia quando muitos músicos tiveram que migrar momentaneamente para outras profissões. Na divulgação da campanha “A música é o meu trabalho” eu concedi uma entrevista para o portal H2Foz enfatizando o músico como um trabalhador:

Somos cidadãos, pagamos impostos, temos família para sustentar, e muitas famílias são sustentadas por esse trabalho. Movimentamos a economia do nosso bairro e da cidade em geral. No palco, não estamos em momento de lazer. Somos trabalhadores, e música é um trabalho digno e responsável (Avelar, 2020).

No nosso meio musical existe uma negação do termo “trabalhar”, talvez inconsciente e não proposital, ao adotarmos o termo “tocar”, o que de fato gera esse conflito em desassociar o músico do trabalhador e o seu não reconhecimento como profissional. Quando uma pessoa é questionada por alguém qual a atividade que ela faz, e ao responder “eu sou músico!”, vem a clássica pergunta, “você não trabalha?” Pode até parecer brincadeira, mas é real essa associação em que ser músico não é trabalhador. Ao não ser notado como um trabalhador, essa invisibilidade traz um sentimento de abandono, como relata Estela Rodrigues em que sente falta de apoio político para reconhecer o (a) artista como trabalhador:

Concordo toda cidade tem problema com político pra ajudar o artista vencer, pra ajudar o artista trabalhar. O artista tem filho, o artista precisa trabalhar, o artista tem mãe, o artista tem família entendeu, e se torna bem complicado tudo isso daí, mas é isso mesmo. (Estela Rodrigues. Entrevista concedida via *Messenger* do *Facebook* em 03/01/2024)

Essa relação músico/trabalhador Raymond Williams destaca um argumento de Marx sobre o “trabalho produtivo”:

Enquanto o homem que constrói um piano é um trabalhador produtivo, há uma questão complexa se o homem que distribui o piano também o é; provavelmente ele é, uma vez que contribui para a realização da mais valia. No entanto, quando falamos do homem que

toca o piano, quer para si, quer para os outros, não há dúvidas: ele não é, de forma alguma, um trabalhador produtivo. Assim, o fabricante de pianos é a base, mas o pianista é a superestrutura. (Williams, 2011, p.48)

Para Williams a análise de Marx faz referência à produção capitalista de mercadorias, mas se pensarmos que o pianista também está produzindo um bem de consumo, a música, ele também é um trabalhador produtivo. A cultura e as artes no capitalismo contemporâneo são espaços de criação de valor; empregam força de trabalho (criativa ou não) e compreendem algumas das relações de produção observadas no trabalho produtivo (Almeida, 2018 p. 35). Em uma produção musical em que se considera o resultado final o show ou uma gravação, ela passou por muitas fases até chegar ao conhecimento do público, movimentou toda uma cadeia produtiva desde o construtor de instrumentos até o *roadie*<sup>49</sup> que é responsável por toda parte técnica do espetáculo. Os modos de dominação selecionam práticas e experiências reais que se adequam ao seu projeto de dominação e, portanto, excluem ou negligenciam as demais práticas e experiências (Almeida, 2018 p. 34). Nesse caso aqui em Foz do Iguaçu o músico produz a sua arte voltada para o setor do turismo.

O fato é que o turismo é um setor que gera significativa renda no município, com isso, a maioria da classe musical direciona suas produções para este corredor turístico, mais especificamente nos grandes hotéis, bares e restaurantes em que há uma grande concentração de turistas. Essa realidade musical ligada ao setor turístico não é novidade no cenário cultural do município, visto que já no final da década de 1990 e no início dos anos 2000 havia uma grande procura dos hotéis em contratar os (as) artistas locais, principalmente nos períodos de maior ocupação dos seus leitos durante os feriados prolongados - carnaval, férias de julho e final de ano. Em 2008 a cidade de Foz do Iguaçu era a quinta colocada em número de leitos no país<sup>50</sup>,

---

<sup>49</sup>Roadie (do inglês road, estrada) é o técnico de apoio que viaja com uma banda em turnê, encarregado de lidar com as produções de shows. O termo aplica-se à indústria musical e trupes teatrais ou outros eventos que envolvam uma produção artística com equipamentos. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Roadie#>> Acesso em: 16 de jan. 2024

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://sindhoteisfoz.com.br/cidades-dos-brasil-em-numero-de-leitos/>> Acesso em: 18 dez. 2023

ficando atrás de quatro capitais, conforme dados do Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Foz do Iguaçu (SINDHOTÉIS). Os números de leitos são referentes apenas dos hotéis, mas ao incluir as modalidades de hospedagem como pousadas, camping, motéis e etc, o número aumenta<sup>51</sup>.

Outra característica do setor é o chamado turismo de negócio, que se trata dos eventos corporativos de pequeno, médio e grande porte, o que coloca a cidade também como um dos principais destinos turísticos do Brasil. Em 2023 foram despachados pela prefeitura de Foz do Iguaçu 935 alvarás para os eventos (Figura 8), deste total foram 489 somente para hotéis e resorts (Figura 9), ou seja, mais de 50% na rede hoteleira. Se compararmos em números de dias, esses dados mostram que existe uma média de 2,56 eventos por dia do total de alvarás. Nem todos os eventos realizados tiveram a participação da música na sua programação, mas alguns hotéis procuram oferecer serviços musicais em seus ambientes para que os participantes permaneçam após o término das atividades do evento, o que acaba tendo a música como um atrativo nesses espaços.

**Figura 8** - Painel de Alvará de Eventos



Fonte: Secretaria Municipal de Turismo e Projetos Estratégicos

**Figura 9** - Eventos em hotéis

<sup>51</sup> Fonte: *Inventário Turístico 2008 da Prefeitura de Foz do Iguaçu*. Disponível em: <<https://sindhoteisfoz.com.br/total-aptos-suites-e-leitos-do-setor/>> Acesso em: 19 dez. 2023



Fonte: Secretaria Municipal de Turismo e Projetos Estratégicos

Diante desses dados é perceptível que a música local tem um direcionamento quase que exclusivo para a indústria do turismo, se compararmos em uma escala menor como ocorrem com algumas manifestações populares, as apresentações musicais locais são produzidas para atender um mercado específico e não voltada para o público interno, para Osvaldo Trigueiro,

As culturas tradicionais no mundo globalizado são também do interesse dos grupos midiáticos, de turismo, de entretenimento, das empresas de bebidas, de comidas e de tantas outras organizações sociais, culturais e econômicas (Trigueiro, 2005, p. 02).

É nesse sentido que o professor Osvaldo Trigueiro ainda destaca que “as manifestações populares (festas, danças, culinária, arte, artesanato, etc.) já não pertencem apenas aos seus protagonistas”. Assim como percebemos o problema de direcionar a maioria das produções musicais para o setor do turismo, principalmente envolvendo as políticas públicas para um segmento autossustentável, como é o turismo em Foz do Iguaçu.

Ao citar as políticas públicas eu trago para discussão os paradigmas políticos de ação cultural propostos por Canclini em *Políticas culturais e crise e desenvolvimento: um balanço latino-americano* (2019, p. 56) (quadro 1), não necessariamente todos os paradigmas, mas especificamente

três deles, quais sejam, Privatização Neoconservadora, Democratização Cultural e Democracia Participativa.

**Quadro 1** – Políticas culturais: paradigmas, agentes e modos de organização<sup>52</sup>

Paradigmas	Principais agentes	Modos de organização da relação política-cultural	Concepções e objetivos do desenvolvimento cultural
Mecenato liberal	Fundações industriais e empresas privadas	Apoio à criação e distribuição discricionária da alta cultura	Difusão do patrimônio e seu desenvolvimento através da livre criatividade individual
Tradicionalismo patrimonialista	Estados, partidos e instituições culturais tradicionais	Uso do patrimônio tradicional como espaço não conflituoso para a identificação de todas as classes	Preservação do patrimônio folclórico como núcleo da identidade nacional
Estatismo populista	Estados e partidos	Distribuição dos bens culturais de elite e reivindicação da cultura popular sob o controle do Estado	Afiançar as tendências da cultura nacional-popular que contribuem à reprodução equilibrada do sistema
Privatização neoconservadora	Empresas privadas nacionais e transnacionais, e setores tecnocráticos dos Estados	Transferência das ações públicas na cultura ao mercado simbólico privado	Reorganizar a cultura sob as leis do mercado e buscar o consenso através da participação individual no consumo
Democratização Cultural	Estados e instituições culturais	Difusão e popularização da alta cultura	Acesso igualitário de todos os indivíduos e grupos à fruição dos bens culturais
Democracia participativa	Partidos progressistas e movimentos populares independentes	Promoção da participação popular e a organização autogestiva das atividades culturais e políticas	Desenvolvimento plural das culturas de todos os grupos de acordo com suas próprias necessidades

Fonte: García Canclini (1987, p. 27).

A privatização neoconservadora, segundo Canclini, é o paradigma em que para alcançar tal objetivo, os principais recursos são os de transferir para empresas privadas a iniciativa cultural, reduzindo as

<sup>52</sup> CANCLINI, Néstor García. Política cultural : conceito, trajetória e reflexões / Néstor García Canclini ; organizadores Renata Rocha e Juan Ignacio Brizuela. Salvador : EDUFBA, 2019. 159 p.

intervenções do Estado e controlando as ações culturais dos setores populares (Canclini, 2019, p. 67). Entendo que este paradigma pode ser aplicado à indústria do turismo de Foz do Iguaçu, onde um grupo dominante dita as regras do entretenimento, centralizando os eventos públicos em seu entorno. Afirmamos esta análise, ao revermos o calendário de eventos que aconteceram entre 2022 e 2023, ou seja, foram quase todos em áreas centrais da cidade e próximos ao chamado corredor turístico. Esse controle de espaço - território em que setor turístico se faz presente-, nos faz 'prisioneiros' da nossa própria produção artística, que mesmo tendo um incentivo público através de editais, não consegue ir além desse mapa turístico já definido pelo grupo dominante do entretenimento.

Esse paradigma foi analisado em um contexto diante do cenário político e econômico na América Latina nos anos iniciais da década de 1980, principalmente nos países com regimes autoritários, portanto Canclini (2019) entende que o campo cultural, então despolitizado e congelado sob o controle militar ou administrativo, cede seu espaço para a reorganização empresarial. Os investimentos em educação e cultura são reduzidos nesses regimes, ocorrendo um controle e limitações nas ações culturais, sendo assim evitando focos de resistência e engajamento através das artes, entretanto ao transferir para a iniciativa privada, acaba favorecendo a elitização da cultura. Apesar dos investimentos na cultura nos dias atuais, essa elitização é visível ao buscarmos os raros espaços culturais independentes na cidade.

Mapear os espaços musicais de Foz do Iguaçu é uma tarefa árdua se considerarmos todos os segmentos musicais e suas manifestações, pois muitos locais possuíam apresentações musicais na informalidade por não haver licenças necessárias e exigidas por diferentes órgãos da cidade, e por isso na maioria das vezes não existia uma divulgação dessas apresentações. Em 2018 um grupo de músicos se reuniu com a Setorial de Música do Conselho Municipal de Políticas Culturais - CMPC, para discutir a questão da Lei do Silêncio em Foz do Iguaçu, o que estava inviabilizando o funcionamento de muitos locais com música ao vivo, inclusive na área central da cidade, o que resultou numa audiência pública na Câmara de Vereadores e um novo decreto

para liberar as atividades musicais<sup>53</sup>. O que acompanhamos na época foram várias operações nos bairros da cidade interrompendo apresentações musicais e notificando os locais com música ao vivo, o que raramente ocorria na área central, e quando ocorria era em locais fora do corredor turístico, ou seja, fora da Avenida Jorge Schimmelpfeng em que se concentra o maior fluxo de turistas.

Depois de muitos anos sob um decreto municipal para a prática musical, no dia 18 de março de 2024 foi aprovado o Projeto de Lei Complementar nº 6/2024<sup>54</sup>, finalmente autorizando as atividades de entretenimento com música ao vivo. O que muitas vezes ocorreu nas operações ou até mesmo em denúncia por parte da vizinhança, a ferramenta de trabalho do músico, ou seja, o instrumento musical ou o equipamento de som era apreendido e somente liberado após pagar uma multa. Independente se o músico era contratado e sem nenhuma obrigação burocrática com o local da apresentação, ele permanecia dias ou até semanas sem exercer sua profissão por causa da apreensão da sua ferramenta de trabalho, mas uma importante mudança nesse novo projeto é que não serão retidos quaisquer instrumentos musicais ou equipamentos de sonorização, caso haja uma irregularidade no local da apresentação.

Diante de mais um obstáculo para realizar as apresentações e a burocracia para se conseguir um alvará, os(as) musicistas se viram de mãos atadas e direcionaram suas produções para a área central da cidade. Um dos pontos mais utilizados foi a Feirinha da JK, que é um espaço importante e tradicional da cidade e que possibilita promover apresentações artísticas com maior visibilidade do artista iguaçuense. Trata-se de um espaço de produtores locais (agricultura, gastronomia, artesanato e etc.) em que a população e turistas também conhecem a música que se produz na cidade, entretanto os(as) musicistas - em sua grande maioria -, direciona sua produção ao

---

<sup>53</sup> CLICK FOZ. Lei da música ao vivo em bares e restaurantes é regulamentada em Foz. Disponível em: <<https://www.clickfozdoiguacu.com.br/lei-da-musica-ao-vivo-em-bares-e-restaurantes-e-regulamentada-em-foz/>> Acesso em: 18 de out. de 2021

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.fozdoiguacu.pr.leg.br/institucional/noticias/camara-de-foz-aprova-lei-para-atividades-dos-musicos-em-bares-e-restaurantes>> Acesso em: 29 de mar. 2024.

interesse da música popular massiva, enquanto uma pequena minoria faz um trabalho autoral.

Outro dado em relação ao investimento na cultura em comparação ao turismo na cidade de Foz do Iguaçu, são as ações de promoção de cada um dos setores, ou seja, enquanto para o turismo a pasta do setor participou de 79 ações para promover o destino Foz do Iguaçu<sup>55</sup>, a pasta da cultura não fornece dados das ações de promoção da cultura local. Nos perguntamos: quem de fato ganha com essas ações, quando um investimento de R\$ 2,4 milhões na divulgação de um destino está majoritariamente nas mãos da iniciativa privada e sua apropriação de bens culturais. Retomando, Canclini (2019):

As empresas privadas também se apoderam – na televisão, nas exposições e concursos – dos artesanatos e tradições populares, enfatizando sua mercantilização e adaptando os conteúdos para a visão pitoresca e espetacular dos entretenimentos de massa. (Canclini, 2019, p. 68)

As grandes operadoras de turismo oferecem pacotes turísticos para alguns atrativos e locais de entretenimento. Colocam na sua programação, por exemplo, o show “Três Fronteiras”, que é uma representação da cultura dessa região trinacional. Se trata de um espetáculo apresentado por artistas locais com danças e músicas dos três países, em que é realizado em locais privados, inclusive em um deles que tem uma concessão pública, o Marco das Três Fronteiras<sup>56</sup>.

Em trinta anos que resido em Foz do Iguaçu, eu não me lembro de ter visto uma apresentação neste formato envolvendo a cultura da fronteira trinacional nos bairros da cidade. Recentemente a Universidade Federal da

---

<sup>55</sup> Secretaria de Turismo participou de 79 ações de promoção do Destino em 2023 Disponível em: <<https://www.destino.foz.br/secretaria-de-turismo-participou-de-79-acoes-de-promocao-do-destino-em-2023/>> Acesso em: 19 de dez. de 2023

<sup>56</sup> O obelisco, que foi inaugurado no dia 20 de julho de 1903 – cerca de 11 anos antes da emancipação política da cidade de Foz do Iguaçu (PR) em 1914 –, ganhou, há cerca de cinco anos, R\$ 30 milhões em investimentos do Grupo Cataratas, responsável pela gestão turística e transformação do atrativo. Parceria público-privada – O sucesso do Marco das Três Fronteiras é resultado da concessão da Prefeitura de Foz do Iguaçu ao Grupo Cataratas, empresa fundada na cidade, no ano de 1999, e que desde 2015 é responsável pela revitalização e gestão do atrativo, colaborando para o desenvolvimento da economia e do turismo em Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://marcodastresfronteiras.com.br/blog/o-lugar-mais-charmoso-de-foz-completa-117-anos-nesta-segunda/>> Acesso em: 07 de jan. 2024

Integração Latino-Americana (UNILA), realizou mais uma edição do Festival de Culturas da Unila - FeCult<sup>57</sup> nas dependências da universidade, reunindo discentes de várias nacionalidades para apresentar a cultura de seus respectivos países. Mesmo sendo aberto e gratuito o evento está longe de ter uma divulgação próxima do que ocorre com os eventos do corredor turístico. A partir destas informações que temos levantado no trabalho é possível afirmar que a iniciativa privada concorre com o Estado com o objetivo de substituí-lo como agente construtor de hegemonia; ou seja, como organizador das relações culturais e políticas entre as classes (Canclini, 2019, p. 69).

O outro paradigma que eu destaco neste debate é a democratização cultural, que para Canclini:

Concebe a política cultural como um programa de distribuição e popularização da arte, do conhecimento científico e das demais formas de “alta cultura”. Sua hipótese básica é que uma melhor difusão vai corrigir as desigualdades no acesso aos bens simbólicos. (Canclini, 2019, p. 72)

O principal agente desse paradigma é a Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, que tem um orçamento proposto de 0,83% do orçamento do município, aproximadamente R\$ 15.669.000,00 (quinze milhões e seiscentos e sessenta nove mil reais)<sup>58</sup>. Neste valor não estão incluídos os recursos vindos das leis Aldir Blanc e da Lei Paulo Gustavo. A partir do paradigma que discutimos, os bens culturais tem que estar acessível a todos, independente de classe, gênero e raça, mas nem sempre essa acessibilidade é garantida a certos grupos sociais, ou seja, entendemos que, neste sentido, as políticas públicas são excludentes, se ancorando em uma falsa democratização cultural em que os interesses individuais - empresariais -, se sobrepõem aos interesses coletivos. No capítulo anterior, eu trago uma citação do músico Jaime André Schlogel, em que ele demonstra essa falsa democratização em relação aos

---

<sup>57</sup> Festival promove integração por meio da cultura. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/noticias/festival-de-culturas-para-a-integracao>> Acesso em: 20 de dez. 2023

<sup>58</sup> Orçamento de Foz do Iguaçu supera R\$ 1,8 bi em 2024, 18% a mais que o atual. CIDADE POLÍTICA. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/cidade/orcamento-de-foz-do-iguacu-supera-r-18-bi-em-2024-18-a-mais-que-o-atual/#:~:text=Obras%3A%20R%24%2044.858.917,R%24%2015.396.000%2C00>> Acesso em: 21 de dez. 2023

editais lançados pela Fundação Cultural, tais editais voltados para o calendário turístico da cidade, ao mesmo tempo em que estimulam um determinado gênero musical, pode ocorrer também a marginalização de outros gêneros e artistas.

Uma das críticas desse paradigma que ocorreu em alguns países, se refere ao fato de o distribucionismo cultural atacar os efeitos da desigualdade entre as classes, mas não mudar radicalmente os modos de produção e consumo de bens simbólicos (Canclini, 2019, p. 74). A partir do momento em que um artista tem seus interesses ao se inscrever no edital e ser contemplado, na hora de pôr em prática o seu projeto encontra essa barreira cultural dominada pela indústria do turismo e avalizada pelo Estado. Como pontua o músico Márcio Duarte que considera que deveria haver outra forma de participar dos editais, pois a livre escolha do artista deveria ser respeitada, mas para ele é o Estado que determina o que será consumido.

As coisas estão se afunilando de uma forma tão grande que a gente vai ter que dar o braço a torcer. Infelizmente, ou seja, mais uma vez o Estado bota o carimbo na gente, ou é desse jeito ou cê tá fora, certo? Esse é o meu ponto de vista. (Márcio Duarte, entrevista concedida 29/07/2023)

Pesquisando editais de 2022 e 2023 que tratam do credenciamento do Corredor Cultural, estes vão ao encontro com a visão de Márcio Duarte, principalmente na área musical em que ao longo da vigência desses editais - até esse momento de escrita -, alguns artistas sequer foram convocados para apresentar seus trabalhos, é o caso, por exemplo, dos(as) musicistas da categoria música instrumental (solo)<sup>59</sup>. Quando vejo a programação dos principais eventos da cidade como a Fartal e o Natal em 2023, em que a música tem espaço, artistas da categoria MPB (solo) não se apresentaram nesses eventos, as seis pessoas contempladas nessa categoria fizeram apenas uma apresentação ao longo deste ano na sua grande maioria na área central e em instituições públicas, como foi o meu caso em que sou um

---

<sup>59</sup> No credenciamento as categorias são divididas em solo, duo, trio e grupos. Eu sou um dos credenciados dessa categoria.

dos credenciados em que fiz minha única apresentação na Unila<sup>60</sup>. Por mais que os editais apontem para uma democratização cultural, os(as) artistas correm o risco de não se encaixarem nos interesses do Estado, e no cenário de Foz do Iguaçu nos interesses do corredor turístico para apresentar seus trabalhos.

### 3.1. A DEMOCRACIA PARTICIPATIVA E SEUS DESDOBRAMENTOS NAS ATIVIDADES CULTURAIS EM FOZ DO IGUAÇU.

É compreensível que um artista procure atender às demandas do corredor turístico para não ficar à margem do mercado dominante, mas é preocupante que uma política de Estado não dê opções fora desse mercado, e concretamente descentralize o fazer cultural com um calendário que contemple os bairros e suas manifestações culturais. Será que a vizinhança de um músico que tem a sua carreira voltada para o corredor turístico e que mora em um bairro afastado, como por exemplo, a Vila C ou Três Lagoas, já teve a oportunidade de assistir uma apresentação do seu vizinho? Importante dizer, que a Vila C, por exemplo, fica ao lado de um dos principais atrativos turísticos da cidade, a usina hidrelétrica Itaipu Binacional, mas é um bairro periférico que foi criado na época da construção da barragem e que tem na sua formação populacional pessoas vindas de outros estados brasileiros e outros países, principalmente com a criação da Unila que se instalou na região Norte da cidade e aumentou essa diversidade de migrantes. Hoje o que se vê nessa região é justamente a comunidade se mobilizando em movimentos culturais com destaque para a Vila C onde há atuação de grupos como o Kaburé Maracatu<sup>61</sup>, um grupo de estudos do maracatu de baque virado que tem atuado

---

<sup>60</sup> Nessa modalidade de contratação é feito um sorteio quando há uma demanda inferior ao número de credenciados. Por ser também um dos credenciados da categoria MPB (solo), ao receber a convocação via e-mail estava listado os locais que iriam receber as apresentações e todos os credenciados que participaram do sorteio.

<sup>61</sup> Fundado no ano de 2016 na região norte do município de Foz do Iguaçu/PR, dentro do núcleo de uma família de pescadores da periferia da cidade, o grupo desenvolve ações culturais e oficinas comunitárias no bairro Vila C e região. O coletivo dentro da cidade de encontro trinacional, entre Brasil, Argentina e Paraguai, se mantém a partir dos esforços comunitários de seus componentes e de grupos parceiros, tanto para sua fundação, quanto para sua manutenção. (Souza, 2023, p. 59)

na região Norte promovendo ações comunitárias, eventos culturais, oficinas, levando discussões para o meio acadêmico e aproximando as universidades da comunidade local.

Essa mobilização da comunidade na região Norte de Foz do Iguaçu sinaliza o possível diálogo com outro paradigma apontado por Canclini (2019), qual seja, o da democracia participativa:

Ao contrário de posições unidimensionais e elitistas que sustentam os paradigmas do mecenato, tradicionalista, estatal e privatizador – e inclusive se infiltram no modelo democratizador –, esta concepção defende a coexistência de várias culturas na mesma sociedade, promove seu desenvolvimento autônomo e as relações igualitárias de participação de cada indivíduo em cada cultura e de cada cultura em relação às outras. Uma vez que não existe apenas uma cultura legítima, a política cultural não deve se dedicar a difundir exclusivamente a cultura hegemônica, mas promover o desenvolvimento de todas as que sejam representativas dos grupos que compõem a sociedade. (Canclini, 2019, p. 75)

Ou seja, trata-se de uma proposta de pensar coletivamente e criar condições de políticas públicas favoráveis para toda uma cadeia produtiva que muitas vezes é excluída dos eventos ligados à indústria do turismo, e assim descentralizar a cultura e incluir no calendário anual de eventos do município. Entendemos que a música iguaçuense vai além do roteiro do *city tour*, e nesse sentido, tem sido importante o papel dos coletivos com o intuito de ocupar as praças dos bairros periféricos, até nos mais próximos da região central que, num ato de resistência, vão se firmando na cena local.

Além do Kaburé Maracatu atua na cidade, também, o Maracatu Alvorada Nova que realiza seus ensaios semanais no Teatro Barracão situado na Praça da Bíblia em outra região da cidade, ainda, a Batalha da Pista<sup>62</sup> organizada pelo coletivo hip hop que semanalmente acontece na Pista Pública de Skate em frente ao Ginásio Costa Cavalcanti, e o Slam de La Frontera<sup>63</sup> que

---

<sup>62</sup> A Banca 16, coletivo de hip hop iguaçuense já conta 10 anos de existência. Boa parte desse tempo numa construção de expressões poéticas e embates na pista. Faz alguns meses, seus organizadores retomaram uma atividade que é destaque na trajetória do conjunto: a Batalha na Pista. Disponível em: <<https://guatafoz.com.br/numa-palavra-e-batalha-na-pista/>> Acesso em: 22 de dez. 2023

<sup>63</sup> Slam é uma batalha de poesia que teve origem nos Estados Unidos da América. Disponível em: <<https://guatafoz.com.br/na-fronteira-da-palavra-a-identidade-e-a-mensagem/>> Acesso em: 22 de dez. 2023

começou na Vila C e se transferiu para o espaço cultural “Biblioteca Comunitária CNI (Cidade Nova Informa)”, localizado no bairro Cidade Nova.

Esses são exemplos de coletivos que não se encaixam na privatização neoconservadora, enquanto parte da perspectiva de democratização cultural conseguem realizar ações com apoio do poder público quando vencem a burocracia, e com isso, tem a liberdade de criação e difusão da sua arte. Esse último paradigma reflete muito o fazer cultural que se encontra fora do eixo central da cidade e que vem crescendo com a mobilização da população e comunidade acadêmica, esta perspectiva vai muito além da apresentação pela apresentação, como aponta Canclini:

Além de transmitir conhecimentos e desenvolver a sensibilidade, procura melhorar as condições sociais para potencializar a criatividade coletiva. Pretende-se que os próprios sujeitos produzam a arte e a cultura necessárias para resolver os seus problemas e afirmar ou renovar sua identidade. (Canclini, 2019, p. 76)

Entendemos que o fazer cultura e arte envolve entrega dos (as) artistas, disponibilidade de tempo, conhecimento e se constitui como um trabalho, que numa sociedade capitalista tem custos. E, é por isso, que muitas vezes alguns projetos culturais não saem do papel, quando saem enfrentam problemas estruturais e desistem diante das dificuldades. No entanto, alguns projetos resistem e vão se adaptando, vão ganhando corpo, criando uma rede de apoio e vencendo o preconceito que a música de rua tem aos olhos de uma parcela da sociedade. Em entrevista ao portal Guatá, de Foz do Iguaçu, o MC Stenio Fonari comenta sobre essa resistência do movimento do hip hop, por exemplo:

O Hip Hop está se tornando gigante em Foz do Iguaçu. E isto numa cidade em que já enfrentou muitas dificuldades devido a ineficiência de políticas públicas que atendam a cultura de rua e a juventude, além da tentativa de marginalização de nosso movimento. (Guatá, 2023).

Esses movimentos de resistência ligados à música estão afastados do corredor turístico e cada vez mais se fortalecendo e se unindo com outros segmentos culturais, a exemplo do teatro, artes visuais, poesia, cinema e etc. Uma das organizadoras do *Slam de La Frontera*, Rosa Jhey em entrevista ao portal Guatá destaca essa união, “O apoio que recebemos é

*coletivo; alguém tem um equipamento e empresta, como microfones e caixas de som, mas não é toda edição que isso acontece”* (Jhey, 2022). Reiteramos a pergunta, diante da manifestação da artista de hip hop: se esses movimentos culturais fossem de interesse da indústria do turismo da cidade, a infraestrutura seria diferente? É provável que sim!

Mais um exemplo deste desequilíbrio das políticas públicas relacionadas à cultura na cidade são as festas de final de ano. Enquanto o corredor turístico na área central tem toda uma estrutura montada, alguns bairros de grande concentração populacional sequer tem menção sobre essas festas. Na noite de 22 de dezembro de 2023, eu andei pelas ruas de Foz do Iguaçu e registrei essa movimentação em alguns bairros e no Centro da cidade. Ruas enfeitadas e com estrutura para apresentações culturais no Centro de Foz do Iguaçu (Figuras 10, 11, 12 e 13) e ruas nos bairros apenas com a movimentação habitual do cotidiano e sem enfeites natalinos (Figuras 14, 15, 16 e 17). Os registros foram feitos aproximadamente entre às 21h30min e às 22h.

**Figura 10 - Avenida JK**



Fonte: O Autor

**Figura 11 - Praça da Paz - Centro**



Fonte: O Autor

**Figura 12 - Praça da Paz - Centro**



Fonte: O Autor

**Figura 13 - Praça do Mitre - Centro**



Fonte: O Autor

**Figura 14** - Praça da Bíblia - Jd. São Paulo

Fonte: O Autor

**Figura 15** - Av. Mário Filho - Morumbi

Fonte: O Autor

**Figura 16** - Av. General Meira - Porto Meira

Fonte: O Autor

**Figura 17** - Av. Morenitas - Porto Meira

Fonte: O Autor

No nosso entendimento, essas imagens representam um retrato do modo excludente da participação popular no calendário de eventos do município, não defendemos aqui que todo evento seja descentralizado, mas alguns há essa possibilidade de contar com a participação da comunidade, além também de gerar renda para os trabalhadores locais. O músico Magnum Meza destacou essa relação do trabalhador com o momento de lazer: *“vamos dizer assim ó, o garçom que trabalhou a semana toda no hotel ele não vai poder usufruir um pouco com a família dele, talvez no dia de folga dele”* (Meza, 2023). Se trocássemos a palavra garçom por músico o sentido seria o mesmo, são duas profissões que têm horários de trabalho diferenciados da grande maioria da classe trabalhadora, geralmente estão em atividade nos finais de semana, feriados e nas datas comemorativas, mas nos raros momentos de lazer não tem uma opção próxima da sua residência.

A classe musical tem uma dificuldade no seu registro profissional enquanto trabalhador formal, como CLT, não que ela esteja

exercendo a profissão na informalidade, mas para as estatísticas a falta da carteira de trabalho assinada o faz informal, mesmo até ele sendo MEI. São raros os locais aqui em Foz do Iguaçu que fazem esse registro nas leis trabalhistas, e quando fazem o salário nem sempre é vantajoso para o músico. Sem esse registro o profissional não recolhe a taxa previdenciária, a não ser que o recolhimento seja de forma autônoma, para que possa obter uma aposentadoria. Mesmo que não haja limites de idade para subir ao palco, há uma preocupação em se manter no cada vez mais restrito mercado de trabalho musical.

Antes de montar seu estúdio, Magnum Meza foi um dos poucos músicos que teve a carteira de trabalho assinada por um longo período, ele era o pianista da antiga casa de show Teatro Plaza Foz<sup>64</sup>, após o fechamento da casa passou a atuar no Hotel das Cataratas e depois no Hotel Internacional<sup>65</sup>, sempre com vínculo empregatício. Nota-se que todos esses locais estavam voltados para atender o turismo, mas essa não era a realidade de toda a classe musical que atuava no município. Eu mesmo nunca tive minha carteira assinada como músico, os locais que atuei com um pagamento mensal não havia um contrato formal e foi na base da confiança, que ao final, não me garantiu os direitos trabalhistas. Essa foi uma realidade da maioria da classe musical e algumas pessoas resolveram entrar na justiça para cobrar seus direitos, o que às vezes gerava a partir desse momento uma perseguição a esses(as) musicistas.

Algumas casas passaram a pagar semanalmente ou fazer um rodízio de artistas, trocaram as bandas e/ou instrumentistas de apoio que acompanhavam os(as) artistas principais e passaram a contratar artistas que faziam as duas funções, tocar e cantar. Sem CLT, isso implicava em menos impostos, acúmulo de função e menos despesas com alimentação e bebidas para o músico, ou seja, mais lucro para o contratante, o que demonstra que o

---

<sup>64</sup> A casa de show ficava localizada na BR-277. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/sem-categoria/plaza-foz-um-show-imperdível-13859/>> Acesso em: 27 de jan. 2024

<sup>65</sup> Atualmente esses dois hotéis tem novos proprietários e novos nomes, Belmond Cataratas e Golden Park Internacional respectivamente.

músico é um trabalhador produtivo, pois ele também contribui para a realização da mais valia cultural.

Entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000, o cenário político econômico nacional e municipal vai se modificando, o turismo de compras tem uma queda com o aumento da fiscalização aduaneira, a concorrência aumenta entre os(as) artistas com algumas casas noturnas encerrando as suas atividades, enquanto os grandes hotéis, com o crescimento do turismo de negócio, procuram manter seus hóspedes nas suas dependências com música ao vivo.

Ao migrar para os hotéis, alguns músicos tiveram que se adaptar ao formato de contratação e de apresentação nesses locais, com público e repertório diferentes das casas noturnas e uma jornada de trabalho superior à que estavam acostumados. Enquanto dividiam o palco com outros(as) artistas com uma jornada de no máximo duas horas de trabalho, nos hotéis faziam até cinco horas de trabalho, isso implicou em uma dificuldade de se apresentar em mais de um local como estavam acostumados. Os que não conseguiram entrar no mercado dos hotéis continuavam disputando os espaços nas casas noturnas que restavam.

Após esta retomada de diferentes momentos das condições de trabalho dos músicos iguaçuenses, podemos concluir que nos dias atuais ainda há uma grande concorrência entre os(as) artistas aqui em Foz do Iguaçu, principalmente nas disputas dos editais que tem sido a prática de políticas públicas, com as redes sociais sendo utilizadas como vitrines desses(as) artistas e não mais as casas noturnas e hotéis da cidade, quem tem um portfólio mais elaborado e com mais *likes*, têm uma grande chance de ter o trabalho aprovado pelos pareceristas, independente da qualidade ou gênero musical. O repertório massivo e midiático tem mais aceitação nos editais, assim como acontece no corredor turístico que detém o entretenimento da cidade, gerando uma concorrência desleal e marginalizando outros gêneros musicais.

A importância de se discutir as questões trabalhistas vai muito além se o(a) musicista é um(a) trabalhador(a) produtivo(a) ou não, o que na verdade estamos tratando das condições humanas de uma sobrevivência em

uma sociedade capitalista. A prática da profissão já requer um cuidado com a saúde dependendo do instrumento utilizado pelo(a) musicista, seja a voz, os membros superiores e/ou inferiores. Quando esses(as) profissionais têm um problema de saúde, na grande maioria das vezes não tem auxílios pelo afastamento do exercício da profissão, o que acaba acarretando problemas financeiros e endividamento para dar continuidade ao tratamento. Quando retorna às atividades surge o problema da concorrência por ter se ausentado por questões de saúde, claro que nesse caso vai muito da sensibilidade do contratante e das pessoas que o substituíram naquele momento.

Essa falta de assistência também é preocupante quando um(a) musicista chega a óbito, em que muitos casos as famílias não têm condições de arcar com as despesas funerárias, além de ficar desamparada se for dependente do(a) musicista. Aqui em Foz do Iguaçu recentemente aconteceram casos semelhantes com alguns musicistas que eu tive algumas relações de trabalho, além do falecimento repentino por causas naturais, nos deparamos com a falta de condições para realizar o funeral deles, em que a família realizou uma vaquinha para cobrir as despesas. São situações que não temos como prever, cada um sabe das suas condições financeiras e como gerenciá-la ao longo da sua carreira musical, a ausência de garantias trabalhistas ou contratuais demonstra o quanto nós músicos vivemos à margem da sociedade. Essa é a realidade da grande maioria da classe musical em todo o país, que enfrentam as noites e madrugadas correndo riscos, sem ao menos ter um adicional de insalubridade, quando são dispensados, seus direitos são violados.

Aqui no município até o ano de 2012 tínhamos três grupos musicais contratados pela Fundação Cultural, Banda Municipal, Orquestra Municipal e Coral Municipal, que por entendimento do Ministério Público havia irregularidades na contratação dos músicos pela modalidade de Cargos Comissionados (CCs), e recomendou a exoneração dos mesmos<sup>66</sup>. O registro

---

<sup>66</sup> Fundação Cultural abre licitação para montar banda e orquestra - 24/08/2013. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2779455/>> Acesso em: 20 de jan. 2024.

mais antigo é da Banda Municipal<sup>67</sup> que foi instituída através da LEI nº 1795 de 17 de agosto de 1993, formada por 52 integrantes (02 maestros e 50 músicos), permaneceu na ativa por quase vinte anos. Em 2004 na reorganização das carreiras funcionais da Fundação Cultural os três grupos totalizam 86 músicos<sup>68</sup>, sendo 27 da Banda, 27 da Orquestra e 32 do Coral, nota-se que houve uma redução dos componentes da banda. Aqui temos um grande exemplo da falta de planejamento de uma política pública, como também o descaso com o trabalhador que ao final de longos anos tiveram perdas em seus direitos trabalhistas.

Nesse exemplo podemos voltar aos paradigmas políticos da ação cultural propostos por Canclini e perceber que a democratização cultural com seu distribucionismo ficou restrita a um grupo político e setores da sociedade, que por alguma razão permaneceu anos mantendo músicos em um cargo comissionado, sem nenhuma perspectiva de contratação via concurso público. Os grupos musicais não tinham uma função social em que os membros pudessem compartilhar os seus conhecimentos, em oficinas para a comunidade ou nas escolas municipais, o que mais se via era a utilização dos mesmos para eventos/solenidades da prefeitura, no comércio e turismo. Em 2012 no último ano de atividade a Banda se apresentava quinzenalmente na principal via comercial da cidade, a Avenida Brasil, com o projeto “Pra ver a banda passar” e alternava com as apresentações também na área central, na Feirinha da JK, como sempre a privatização conservadora centralizando os eventos em seu entorno.

Dos três grupos musicais da Fundação Cultural, o Coral foi o único que continuou fazendo algumas apresentações após a exoneração com

---

<sup>67</sup>REVOGA DISPOSIÇÕES DA LEI Nº 1456/89, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1989 QUE "INSTITUI A BANDA DE MÚSICA DE FOZ DO IGUAÇU E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS", E DISPÕE SOBRE A CRIAÇÃO DE CARGOS COMISSIONADOS. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/1993/179/1795/lei-ordinaria-n-1795-1993-revoga-disposicoes-da-lei-n-1456-89-de-28-de-novembro-de-1989-que-institui-a-banda-de-musica-de-foz-do-iguacu-e-da-outras-providencias-e-dispoe-sobre-a-criacao-de-cargos-comissionados>> Acesso em: 20 de jan. 2024.

<sup>68</sup> LEI Nº 2892 DATA: 29 DE MARÇO DE 2004. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/2004/290/2892/lei-ordinaria-n-2892-2004-dispoe-sobre-a-reorganizacao-das-carreiras-funcionais-e-do-quadro-proprio-de-pessoal-da-fundacao-cultural-de-foz-do-iguacu>> Acesso em: 21 de jan. 2024.

um número reduzido de componentes, mas de forma independente e voluntária sem utilizar o nome oficial. Desde a sua criação através da LEI nº 1986 de 04 de dezembro de 1995<sup>69</sup>, o Coral participou de alguns festivais e gravou um CD em 1998<sup>70</sup>, sob a regência do maestro Naor Gomes da Silva desde 1999 até a exoneração. Após a extinção do coral o maestro reuniu alguns ex-componentes e criou o Coral Amigos da Música, mantendo um trabalho coletivo ao lado de outros corais, dentre eles o Canto em Canto, Coral da OAB e Todo Canto que era um projeto de extensão do curso de música da UNILA. Aqui temos o exemplo do paradigma democracia participativa, “pois visa a estimular a ação coletiva através de uma participação organizada e autogestionária” (Canclini, 2019, p. 76).

---

<sup>69</sup> LEI nº 1986 de 04 de dezembro de 1995. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/720139/lei-1986-95>> Acesso em: 21 de jan. 2024.

<sup>70</sup> Coral da Fundação Cultural grava CD Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/geral/coral-da-fundacao-cultural-grava-cd-109256.html?d=1>> Acesso em: 21 de jan. 2024.

## CONCLUSÃO

Desde o início da minha pesquisa eu já imaginava que teria muita dificuldade na busca dessa possível definição de uma música iguaçuense, mesmo estando inserido nela, vivendo e dividindo o palco com os (as) mais variáveis artistas e tocando gêneros musicais, muitos deles, por sinal, aprendi quando vim morar em Foz do Iguaçu. Havia um ritual na classe musical nos primeiros anos iniciais da minha chegada à cidade, qual seja, o ritual da “canja”, uma prática de trocas musicais entre musicistas nas casas noturnas, em que músicos ou cantores/as pediam para mostrar o trabalho ou eram convidados se fossem conhecidos, o que às vezes surgia uma contratação desse músico "canjeiro". Foi com a banda que me trouxe para Foz do Iguaçu - a banda Cores da Bahia-, que demos uma canja em um antigo bar da cidade e lá estava um empresário de uma churrascaria, ele nos contratou e ficamos por quase nove meses tocando neste local. Geralmente eram duas ou mais atrações musicais todas as noites nas casas noturnas, algumas tinham música ao vivo de segunda-feira a domingo, efeito este causado pelo turismo de compras no Paraguai na década de 1990, em que parte dos turistas/compristas frequentava essas casas noturnas em maior quantidade.

Devido a este fluxo de pessoas de todo o país, moradores ou turistas, a música em Foz do Iguaçu foi muito rica em repertório e em artistas também, independente do gênero musical em que cada um se encaixava e se propunha a fazer. Algumas casas como o Bar Bixo de Pé e o Pizza Bar (antigo Pizza D'oro), locais que eu mais dei ‘canja’ e fiz minhas primeiras amizades musicais, as bandas tocavam do Jazz ao Axé Music, do Bolero ao Rock, do Tango ao Samba, era uma variedade sonora para todos os gostos e faixas etárias, sem contar com os outros bares menores que também adotavam esse sistema de mais de uma atração por noite. Dificilmente um músico nessa época tocava somente em um local, às vezes em até três locais na mesma noite.

Com toda essa diversidade musical que era apresentada nas casas noturnas da cidade com linguagens e sotaques sonoros, depois de alguns anos morando aqui e conhecendo as músicas dos países vizinhos, Paraguai e Argentina, começou a surgir esse questionamento de qual é a música de Foz do Iguaçu e até qual é a música do Paraná. Passado esses mais de 30 anos que estou na cidade e com essa pergunta me acompanhando, nada melhor do que eu dividir com os meus colegas de trabalho o que realmente é essa música de Foz do Iguaçu, em especial, fazendo este registro por meio da reflexão neste mestrado interdisciplinar na Unila.

Outro desafio foi definir a lista de musicistas para entrevistar e qual critério orientaria essa minha escolha. Algumas pessoas eu realmente já havia escolhido para entrevistar e outras foram através da coleta de materiais em jornais antigos, pois no primeiro momento estava priorizando a música autoral e musicistas com mais tempo de atividade na cidade. Além dos(as) musicistas, também queria ter informações dos proprietários dos estúdios de gravação na cidade e qual também era o pensamento deles em relação à música local e o fluxo de trabalhos autorais nesses estúdios.

Foram realizadas, por fim, seis entrevistas num total de quatorze pessoas que eu tinha na minha lista. As respostas sinalizaram que 50% dos (as) entrevistados (as) acreditam na existência da música iguaçuense e os outros 50% acreditam na não existência, como consta nas citações das entrevistas no primeiro capítulo. Informalmente, conversando com outros(as) musicistas quando me perguntavam da minha pesquisa, eu aproveitava o momento e questionava sobre a possível existência da música iguaçuense, as respostas também foram as mais variadas possíveis. Eu defendo que o fato de seguir essa dúvida na existência ou não dessa música iguaçuense, possa estar relacionada à falta de circulação da música local na cidade, ou seja, existem artistas produzindo, compondo, gravando, mas não está sendo divulgada ou tem direção para outro público-alvo que está fora da cidade. Se bem que nos dias atuais com as plataformas digitais, mesmo com o algoritmo direcionando o

que cada público tem que ouvir, as pessoas têm acesso tanto ao mainstream quanto a produção independente.

Independente da existência da música iguaçuense ou não, 100% das respostas concordam que existe sim uma produção iguaçuense, músicas produzidas na cidade por artistas da cidade, o que de fato leva o nome de Foz do Iguaçu para o cenário musical nacional e mundial dependendo do alcance artístico. Márcio Duarte relata, por exemplo, o alcance da banda Tumulto ao ser escolhida para representar o Brasil em uma coletânea<sup>71</sup>:

Cara, pra mim o ponto mais alto da minha carreira de músico foi eu receber um dia, um e-mail de uma gravadora da Inglaterra pra gente participar de um tributo ao Kiss. A gente fez, não sei se você sabe disso, mas a gente participou de um tributo ao Kiss só com banda brasileira. Quantas bandas no Brasil não têm? A gente foi convidado, isso é fantástico, você tá entendendo? [...] Então assim, eh a gente tem um reconhecimento legal nesse meio, mas eu acho que Foz do Iguaçu podia ser muito mais representada. (Márcio Duarte, entrevista concedida 29/07/2023)

Isso nos leva a uma reflexão que a cidade tem um potencial artístico e que mesmo fora do eixo Rio-São Paulo que detém as maiores indústrias culturais do país, é possível construir uma carreira sólida sem precisar se deslocar para esses centros. A Banda Tumulto fez seu primeiro registro fonográfico em 1992, optou por gravar em Foz do Iguaçu, na época não havia a internet com as suas plataformas digitais e as facilidades para gravar com um baixo custo como nos dias atuais, a banda poderia facilmente ter se deslocado para outro domicílio após gravar, o que seria natural para quem busca uma carreira com mais visibilidade, mas decidiu permanecer na cidade iguaçuense.

Apesar da posição geográfica, Foz do Iguaçu está em uma região com várias portas para outros estados brasileiros e países, o que também facilitaria esse deslocamento de artistas locais em busca de mais oportunidades com suas produções, assim como muitos chegaram, outros saíram. Das pessoas que entrevistei, somente uma foi embora e voltou, estar

---

<sup>71</sup> Disponível em: <<https://roadiecrew.com/tumulto-participa-de-tributo-brasileiro-ao-kiss/#:~:text=A%20banda%20Tumulto%2C%20de%20Foz,pelos%20norte%2Damericanos%20em%201982.>> Acesso em: 27 de jan. 2024

ao lado da família à fez retornar, que foi o caso de Estela Rodrigues, segundo ela, *‘a cidade tava bem rica em termos de artistas, foi muito artista indo embora daqui, muitos artistas abandonaram, muitos artistas saíram daqui. Eu saí daqui muitas vezes e acabei voltando porque minha família toda morava aqui* (Rodrigues, 2024). Certamente essa saída, mesmo que temporária, não a deixa de ser iguaçuense, como ela bem disse que, *‘ter feito tanto show por todo lugar aí a fora, eu sempre voltei pra casa, que aqui é o meu lugar’* (Rodrigues, 2024).

Como podemos olhar para a música local e a enxergar como sendo única, típica da cidade, sem ela ter um espaço digno no seu próprio território? Não podemos olhar para essa música típica, porque entendemos que ela não existe, ou seja, a música iguaçuense como gênero ou movimento, não existe. Eu prefiro, então, após esse trabalho afirmar que existe uma **cena musical iguaçuense** com produções locais de excelente qualidade e atravessando gerações de diferentes artistas. Ao apresentar uma coletânea sobre as cenas musicais, Jeder Janotti Junior e Simone Pereira de Sá escrevem que:

Cena musical é um modo de construir cidades e músicas: mesmo que essas sejam urbes imaginárias e as sonoridades agregados musicais disformes. A noção de cena está diretamente relacionada aos modos como certos movimentos culturais projetam mundos e rotulam afazeres musicais. Antes de ser um conceito, uma proposição acadêmica: para se entender a música em seus processos de territorialização, as cenas surgiram das autorreferências que críticos, fãs, músicos e produtores se valem para transformar espaços em lugares, sonoridades dispersas em uma noção de si tanto para quem circula nas cenas como para quem as percebe de fora. (Sá e Janotti Junior, 2013, p. 06)

Após analisar cada resposta dos(as) musicistas que tive contato ao longo dessa pesquisa, por meio das entrevistas ou de maneira informal, cheguei a essa conclusão de que é mais correto afirmar que existe uma cena musical iguaçuense, envolvendo vários gêneros musicais e movimentos culturais. Algumas respostas sobre a existência de uma possível música iguaçuense, foram me direcionando e me fazendo repensar essa música local, como a de Márcio Duarte em que ele vê a música iguaçuense com cada um querendo fazer a sua parte, independente do resultado

alcançado, mas estão sempre em luta para a existência da produção local, como os movimentos do rock and roll, do metal, do sertanejo e do pagode citados por Magnum Meza se destacando na música autoral, o que futuramente essa diversidade musical de qualidade tem vários ingredientes para resultar em uma música de identidade como afirmou Thiago Dalmagro.

Ao compor uma música falando o nome da cidade ou das suas belezas naturais, da fronteira e/ou dos atrativos turísticos, não quer dizer que é uma música iguaçuense, como a canção *Linha do Equador* da parceria entre Djavan e Caetano Veloso em que um trecho da letra diz “minha Foz do Iguaçu, Polo Sul, meu azul, luz do sentimento nu”, não pode ser considerada iguaçuense e nem da cena musical local. Eu posso citar como exemplo de uma canção da cena musical iguaçuense, quando Estela Rodrigues relata:

Por exemplo, quando gravei a música “Cara” que eu ganhei da Celina que era uma das componentes das Marcianas, eu obtive muito sucesso com essa música, essa música fez a minha vida ser um sucesso e através dela que eu participei de grandes programas de TV, que eu viajei durante quatro meses na Caravana do Celso Portioli, que eu fiz grande rádio lá em São Paulo, mas tipo assim é produção local também. (Estela Rodrigues. Entrevista concedida via *Messenger do Facebook* em 03/01/2024)

Noel Silva produziu seu LP em São Paulo, da gravação ao fotolito, mas foi aqui em Foz que ele bateu de porta em porta com o LP debaixo do braço, foi aqui que ele chegou a vender dez mil ingressos para o seu show, a sua carreira estava ligada à cena musical iguaçuense da época seja através dos festivais, seja nas churrascarias enquanto ele defendia o pão de cada dia cantando cover e vendendo o seu LP autoral. Assim como Estela, Noel e a Tumulto, a cena musical iguaçuense tem tantos outros jovens talentos como o pessoal do hip hop, dos maracatus, do Slam, do sertanejo, do rock, do pagode, da música instrumental, do gospel, da música erudita e de tantos outros gêneros musicais e coletivos que movimentam a música autoral em todas as regiões da cidade. É inegável que a cena esteja inserida no corredor turístico, mas a negação da cena também está inserida no setor dominante do entretenimento de Foz do Iguaçu.

Por fim, é fundamental mencionar que minha questão não era tão somente relacionada à busca da resposta pela definição de uma música

iguaçuense, mas também, representa um esforço de mapear, questionar e tensionar a relação entre produção artística cultural da cidade, a relação com o corredor turístico e os impactos na produção e na relação de trabalho desses(as) artistas. Bem como, trazer ao debate a centralidade das políticas públicas como uma forma de possibilitar muito dessa produção, mesmo que de uma forma limitante.

Considero, com isso, que este trabalho traz uma contribuição importante para a cidade de Foz do Iguaçu e para a região, ainda, traz novas possibilidades de análise e caminhos para a pesquisa na área da música, em especial, por trazer uma abordagem que vincula a experiência pessoal do artista à reflexão crítica do seu campo. O Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americano da Unila foi um espaço fundamental para que esta pesquisa se efetivasse nesta perspectiva que é interdisciplinar.

Talvez eu pudesse destacar a autoetnografia como método prioritário de pesquisa (Figueiredo, 2020, p.09) e realizar um trabalho para trazer esse olhar, essa vivência do músico/trabalhador para a academia, pois como acadêmico de Pós-Graduação, acredito ser importante e necessário conquistar o “lugar de fala” e por que a “[...] relação direta com o campo pesquisado não diminui o potencial acadêmico, visando a problematização e análise sócio antropológica do contexto em que está inserida [...]” (Figueiredo, 2020, p.09). Por ter escolhido um tema do meu cotidiano, da minha vivência (ou sobrevivência), esclareço que assim como muitos músicos buscam um lugar inclusivo no mercado midiático, eu busco uma inclusão no ambiente acadêmico dando visibilidade ao que é produzido na comunidade local, pois “[...] o êxito pessoal não altera as representações coletivas [...]” (Figueiredo, 2020, p.11). Assim como a música, é preciso discutir a cultura local como um todo no ambiente acadêmico e estreitar as relações não só com os(as) artistas, mas também com o público dando esse lugar de fala.

Mesmo com esse trabalho em certos momentos inconscientemente apontando para uma característica autoetnográfica, eu busco dialogar com as questões do contexto social, eu como um indivíduo na relação desse meio através da minha experiência, por isso me vejo mais como

um fio condutor para fazer essa ligação com a academia. Esse lugar de fala já enfrenta uma primeira barreira na grande maioria das universidades públicas, quanto ao acesso dos cursos de música que ao avaliar técnicas, repertórios eurocêntricos, eruditos ou questões teóricas, se torna excludente a cultura/música popular. No artigo *Uma Reflexão Sobre Etnomusicologia e Educação Musical: Diálogos Possíveis* André Luiz Mendes Pereira destaca que:

Os currículos das escolas de música brasileira foram desenvolvidos com ênfase na música de tradição européia dos séculos XVIII e XIX. Acredito que pela própria força da colonização européia no Brasil, esta música foi considerada o topo da evolução musical. Apesar de muitas transformações no campo da Educação Musical, esta forma de pensamento ultrapassou o séc. XX e de alguma forma ainda persiste em muitas instituições de ensino de música do Brasil. (Pereira, 2011, p. 52)

A etnomusicologia nos dá esse suporte para compreender como as pessoas compreendem a música, estudando a música dentro do seu contexto cultural, e ao colocar a música iguaçuense ou a cena musical iguaçuense no centro desse debate, principalmente com o lugar de fala de artistas que tem um direto envolvimento com o tema, ampliamos as discussões para além de técnicas, práticas e sonoridades trazidas pelos colonizadores. “Nesse sentido, educação musical deve ser muito mais do que aquisição de competência técnica; ela deve ser considerada como prática cultural que cria e recria significados que conferem sentido a realidade” (Arroyo, 2000, p. 19 *apud* Pereira, 2011, p. 55).

A pesquisa em música parece não ter fim, a importância do registro é essencial para assegurar uma fiel preservação, mas também tomando cuidado com as fontes e as narrativas que costumam aparecer de vários lados para um único tema, principalmente utilizando a História Oral Temática como metodologia. O que de fato enriquece a pesquisa, analisando cada contribuição dessas distintas fontes e narrativas, sendo assim reunindo esses vários registros e catalogando em um arquivo para a validação da mesma. Para Francisca Marques coordenadora do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo) em Cachoeira,

Recôncavo da Bahia, há uma importância no compartilhamento entre o (a) pesquisador (a) e a comunidade pesquisada (2008) e relata que:

Não me parece que a etnomusicologia aplicada seja um campo que presume uma separação entre teoria e prática, porém, existe um academicismo de exclusão de alguns projetos que parece estabelecer limites para o que seria uma “pesquisa válida”. (Marques, 2008, p. 137)

Derrubar essas paredes imaginárias das universidades entre a música local e a academia, é um primeiro passo que procuro dar com essa pesquisa da música na cidade de Foz do Iguaçu, pois a Música é o meu Trabalho!

## **FONTES**

### **1. Depoimentos orais**

#### **Estela Rodrigues, entrevista realizada via *Messenger* do *Facebook* em 03/01/2024**

Cantora nascida em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais, chegou à Foz do Iguaçu ainda recém nascida e iniciou sua trajetória na música aos quinze anos de idade. Compositora, tem seis discos gravados e percorreu o Brasil em shows e programas de TV. Apresentadora e atuante na política foi candidata à vereadora na última eleição de Foz do Iguaçu.

#### **Jaime André Schlogel, entrevista realizada em 05/08/2023**

Músico nascido em Foz do Iguaçu, assim como ele, seu pai e seu avô também nasceram no município, de uma família pioneira que acompanhou o desenvolvimento da cidade, Pingo como é conhecido no meio artístico tem a sua origem musical nas reuniões familiares. Formado em direito e exercendo a advocacia, atualmente é acadêmico no curso de Música da Universidade Federal da Integração Latino Americana - UNILA, na ênfase de violão.

#### **Magnum Meza Barbosa, entrevista realizada em 24/04/2023**

Músico nascido em Foz do Iguaçu, proprietário do estúdio de gravação Magnum Estúdio, foi um músico atuante como pianista e tecladista em carreira solo e como músico acompanhante. Gravando e produzindo alguns artistas locais no seu estúdio, compôs também algumas trilhas sonoras para o audiovisual. Infelizmente no dia 13/01/2024 ele acabou falecendo aos 41 anos de idade de forma repentina.

#### **Márcio Duarte, entrevista realizada em 29/07/2023**

Músico que nasceu em São Paulo e com quatro anos de idade foi morar em Pernambuco, chegou à Foz do Iguaçu em 1991 aos dezesseis anos. Nesse mesmo ano fundou a banda Tumulto de trash metal, construindo sua carreira

musical como baterista da banda que ainda está na ativa e como o único integrante da primeira formação. Atualmente Márcio se divide entre a música e a Go Rock, sua loja de artigos temáticos ao gênero musical.

**Noel Silva, entrevista realizada em 04/04/2023**

Natural do Estado de São Paulo, chegou em Foz do Iguaçu em 1979 para trabalhar na Itaipu e no início da década de 1980 participou de alguns festivais da região, um deles foi o 1º FERCAFI - Festival da Canção de Foz do Iguaçu em 23/05/1980, no qual ficou em primeiro lugar. Em 1985 gravou um compacto e em 1986 um LP.

**Thiago Dalmagro, entrevista realizada em 25/04/2023**

Iguaçuense, formado em turismo atuou na área aproximadamente por 5 anos, é músico desde 1999. Proprietário do estúdio de gravação Pulso Estúdios, começou a gravar sua banda e outras bandas também e surgiu a ideia de construir um estúdio de gravação, largando a carreira na área de turismo para se dedicar ao estúdio a partir de 2010.

## REFERÊNCIAS

ADPF nº 183, DE 27 DE SETEMBRO DE 2019. Disponível em: <<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=751377825>> Acesso em: 17 mar. 2024.

ALMEIDA, R. Eu sei o meu lugar: Relações de trabalho e gênero na produção cinematográfica da Globo filmes. 2018. Tese de Doutorado. Tesis Doctoral UNICAMP, Brasil. Manuscrito Inédito.

BÉHAGUE, Gerard. **Perspectivas atuais na pesquisa musical e estratégias analíticas da Música Popular Brasileira.** Em: Latin American Music Review /Revista de Música Latinoamericana, Vol. 27, No. 1 (Spring - Summer, 2006). pp. 69-78

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. **Música e turismo: uma parceria óbvia?** Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/belotur/musica-eturismouma-parceria-obvia>> Acesso em: 11 de out. de 2021.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.** Tradução de Francisco de Ambrosis Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ. **Secretaria da Cultura realiza virada cultural no interior do Paraná.** Disponível em: <<https://www.bpp.pr.gov.br/Noticia/Secretaria-da-Cultura-realiza-virada-cultural-no-interior-do-Parana>> Acesso em: 01 Ago. 2023.

BIESEK, Ana Solange; TARLOMBANI DA SILVEIRA, Marcos Aurélio. Planejamento dos aspectos culturais no espaço turístico urbano de Foz do Iguaçu, Paraná. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul–Saberes e fazeres no turismo: Interfaces, 2010.

BOULLÓN, Roberto C. Espacio turístico. Ed. Trillas, México, v. 14, p. 7-245, 2006.

CÂMARA MUNICIPAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR) Disponível em: <<https://www.fozdoiguacu.pr.leg.br/institucional/noticias/camara-de-foz-aprova-lei-para-atividades-dos-musicos-em-bares-e-restaurantes>> Acesso em: 29 de mar. 2024.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas-estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão; tradução da introdução Gênese Andrade. 4ª ed. - 4ª reimpr. São Paulo, EDUSP. 2008: Ensaios Latino-americanos, 1.

CANCLINI, Néstor García. Política cultural : conceito, trajetória e reflexões / Néstor García Canclini ; organizadores Renata Rocha e Juan Ignacio Brizuela. Salvador: EDUFBA, 2019. 159 p.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadão: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

CASTAGNA, Paulo. A musicologia enquanto método científico. **Revista do Conservatório de Música**, n. 1, 2008.

CERVI, Emerson U. Usos do conhecimento: método científico, 2022. **Disciplina Transversal de Métodos de Pesquisa - 2022** 20 slides. Disponível em: <[http://www.prppg.ufpr.br/moodle/pluginfile.php/87931/mod\\_resource/content/1/Slides%20Semana%203%20.pdf](http://www.prppg.ufpr.br/moodle/pluginfile.php/87931/mod_resource/content/1/Slides%20Semana%203%20.pdf)>. Acesso em: 06/04/2022.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: Escritos de Marilena Chauí, vol. 4**. Autêntica, 2017.

CLICK FOZ. Lei da música ao vivo em bares e restaurantes é regulamentada em Foz. Disponível em: <<https://www.clickfzdoiguacu.com.br/lei-da-musica-ao-vivo-em-bares-e-restaurantes-e-regulamentada-em-foz/>> Acesso em: 18 de out. de 2021

CORREA, Marcio Guedes. O conceito de gênero musical no repertório e nas áreas de antropologia, comunicação, etnomusicologia e musicologia. *ARJ—Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes*, v. 5, n. 2, 2018.

CULTURA (PR). Programa Bolsa Qualificação Cultural. Disponível em: <<https://www.cultura.pr.gov.br/Pagina/Bolsa-Qualificacao-2021>> Acesso em: 04 ago. 2020.

DE MÚSICA, Dicionário Grove. edição concisa/editado por Stanley Sadie. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar**, 1994.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102>.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal. **Conselho Municipal de Políticas Culturais de Foz do Iguaçu tem nova mesa diretora**. Disponível em: <<https://www5.pmfri.pr.gov.br/noticia.php?id=50542>> Acesso em 01 ago. 2023.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal. **EDITAL DE SELEÇÃO 004/2016, FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU, SELEÇÃO E CONTRATAÇÃO DE PROJETOS DE OFICINAS ARTÍSTICOS E**

**CULTURAIS.** Disponível em: <blob:https://www5.pmfi.pr.gov.br/1e6f86f0-5fc3-4b4a-90ca-a3d7515481ae> Acesso em: 01 Ago. 2023.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal. **RELAÇÃO DOS PROJETOS APROVADOS NO EDITAL 002/2015.** Disponível em: <<http://pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=92602>> Acesso em: 01 Ago. 2023.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal. **Seleção e contratação de projetos artísticos e culturais para fins de implantação e execução do Projeto de Produção, Circulação e Fomento Cultural.** Disponível em: <<http://pmfi.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=91759>> Acesso em: 01 Ago. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). EDITAL DE CHAMAMENTO Nº 02/2022. CREDENCIAMENTO DE ARTISTAS, PROFISSIONAIS E FAZEDORES DE CULTURA COMISSÃO DE CREDENCIAMENTO – PORTARIA Nº 1.293/2022 - 1ª DEMANDA - Diário Oficial Nº 4.514 de 11 de Outubro de 2022.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). EDITAL DE CHAMAMENTO Nº 02/2022. CREDENCIAMENTO DE ARTISTAS, PROFISSIONAIS E FAZEDORES DE CULTURA COMISSÃO DE CREDENCIAMENTO – PORTARIA Nº 1.293/2022 - 2ª DEMANDA - Diário Oficial Nº 4.595 de 07 de Fevereiro de 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). Edital de Chamamento Público para espaços artísticos e culturais de Foz do Iguaçu Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/api/edital/download/2022-1630594236230e01a6ae0-0696-4db7-863d-8790b3a37ed6.pdf>> Acesso em: 04 ago. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). Edital de Chamamento Público nº03/2020 - Habilitação de apresentações on-line de profissionais da cultura para o Festival do Isolamento Social. Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/#/site/edital-detalle/33>> Acesso em: 04 ago. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU (PR). Edital de Chamamento Público nº04/2020 - Licenciamento de conteúdo cultural digital Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/#/site/edital-detalle/34>> Acesso em: 04 ago. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE FOZ DO IGUAÇU. Projeto Corredor Cultural de Foz do Iguaçu destinará R\$200 mil para contratação de artistas. Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/#/site/noticia-detalle/538>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

G1. Prefeitura de Foz do Iguaçu está com inscrições abertas para o Carnaval. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/oeste->

sudoeste/noticia/2014/02/prefeitura-de-foz-do-iguacu-esta-com-inscricoes-abertas-para-o-carnaval.html> Acesso em 03 ago. 2023.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GLOBOPLAY. Fundação Cultural abre licitação para montar banda e orquestra - 24/08/2013. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/2779455/>> Acesso em: 20 de jan. 2024

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. **Colonialismo interno (uma redefinição)**. In: BORON, Atilio (et al.). A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, 2007. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/formacionvirtual/20100715084802/cap19.pdf>>.

GONZÁLEZ, Juan Pablo. Musicología y América Latina: una relación posible. **Revista argentina de Musicología**, v. 10, p. 43-72, 2009.

GUATÁ. Na fronteira da palavra, a identidade é a mensagem. Disponível em: <<https://guatafoz.com.br/na-fronteira-da-palavra-a-identidade-e-a-mensagem/>> Acesso em: 22 de dez. 2023

GUATÁ. Numa palavra, é "Batalha na Pista". Disponível em: <<https://guatafoz.com.br/numa-palavra-e-batalha-na-pista/>> Acesso em: 22 de dez. 2023

H2FOZ. Plaza Foz, um show imperdível. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/sem-categoria/plaza-foz-um-show-imperdivel-13859/>> Acesso em: 27 de jan. 2024

H2FOZ. Show on-line solidário ajuda músicos de Foz. Disponível em: <<https://www.h2foz.com.br/sem-categoria/show-on-line-solidario-ajuda-musicos-de-foz/>> Acesso em: 12 de dez. 2024

HALL, Stuart. Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais. 1ª. Ed. **Belo Horizonte: Editora UFMG**, 2013.

<http://www.sepulchralvoicefanzine.com/2016/05/tumulto-comemorando-25-anos-com.html> Acesso em: 09 de nov. de 2022.

JUNIOR, JederJanotti; JEDER, S. MÍDIA, MÚSICA POPULAR MASSIVA E GÊNEROS MUSICAIS a produção de sentido no formato canção a partir de suas condições de produção e reconhecimento. **XV Encontro da Compós**, p. 1-11, 2006.

LARAIÁ, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro Zahar, 2001.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. **A crise da cultura. Apesar das garantias legais, diversas profissões foram excluídas dos benefícios.** Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/apesar-das-garantias-legais-diversas-profissoes-foram-excluidas-dos-beneficios/>> Acesso em: 12 jan. de 2024

LEI COMPLEMENTAR Nº 195, DE 8 DE JULHO DE 2022. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lcp/lcp195.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp195.htm)> Acesso em: 16 de mai. de 2023.

LEI Nº 13982, DE 02 DE ABRIL DE 2020. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/l13982.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13982.htm)> Acesso em: 04 ago. 2023.

LEI Nº 14.017, DE 29 DE JUNHO DE 2020. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Lei/L14017.htm)> Acesso em: 16 de mai. de 2023.

LEI Nº 14.399, DE 8 DE JULHO DE 2022. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2022/lei/l14399.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/l14399.htm)> Acesso em: 16 de mai. de 2023.

LEI Nº 1795, DE 17 DE AGOSTO DE 1993. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/1993/179/1795/lei-ordinaria-n-1795-1993-revoga-disposicoes-da-lei-n-1456-89-de-28-de-novembro-de-1989-que-institui-a-banda-de-musica-de-foz-do-iguacu-e-da-outras-providencias-e-dispoe-sobre-a-criacao-de-cargos-comissionados>> Acesso em: 20 de jan. 2024.

LEI Nº 2262 DATA: 25 DE NOVEMBRO DE 1999. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/f/foz-do-iguacu/lei-ordinaria/1999/227/2262/lei-ordinaria-n-2262-1999-institui-os-corredores-turisticos-como-elemento-de-estruturacao-e-de-padronizacao-do-espaco-turistico-de-foz-do-iguacu>> Acesso em: 07 jan. de 2024.

MARCO DAS TRÊS FRONTEIRAS. Disponível em: <<https://marcodastresfronteiras.com.br/blog/o-lugar-mais-charmoso-de-foz-completa-117-anos-nesta-segunda/>> Acesso em: 07 de jan. 2024

MARQUES, Francisca. Educação comunitária como prática de etnomusicologia aplicada: reflexões sobre uma experiência no Recôncavo baiano. Revista USP, n. 78, p. 130-138, 2008.

MARTEL, Frédéric. *Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas.* Tradução de Clóvis Marques. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MATIJEWITSCH, Fernando; MARCELINO, Rosilene Moraes Alves. Indústria Cultural, Música Popular Massiva e Cenas Musicais. in: Intercom – Sociedade

Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais?. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 49-66, 1989.

MENSAGEM Nº 268, DE 14 DE MAIO DE 2020. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/Msg/VEP/VEP-268.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/Msg/VEP/VEP-268.htm)> Acesso em: 04 ago. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Sistema Nacional de Cultura**. Disponível em: <<http://portalsnc.cultura.gov.br/historico-2/>> Acesso em: 01 ago. 2023.

MUNIZ, Diego da Rocha Viana. Gêneros Musicais: Em busca de uma construção sócio sonora. **Revista Zona de Impacto**, v 2, p. 34-43, 2014.

MÚSICA UNDERGROUND. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M%C3%Basica\\_underground&oldid=66082286](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=M%C3%Basica_underground&oldid=66082286)> Acesso em: 29 jul. 2023.

NAPOLITANO, M. **Seguindo a canção – Engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969)**. São Paulo: Annablume, 2001.

NETTO, José Paulo. **O que é marxismo** / José Paulo Netto São Paulo: Brasiliense, 2006 - (Coleção primeiros) passos: 148

OLIVEIRA, Paula Agrello Nunes. **Cover: performance e identidade na música popular de Brasília**. 2011.

OLIVEIRA-MARCELO, Marcelo Cunha; CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. **AXÉ MUSIC EM SALVADOR (BA): CONCEITOS, IDENTIDADE E MERCADO**. Revista Digital Art&. São Paulo.no XII - Número 15 - Novembro de 2014.

PEREIRA, André Luiz Mendes. Uma reflexão Sobre Etnomusicologia e Educação Musical: Diálogos Possíveis. **Revista Nupeart**, v. 9, n. 1, p. 51-64, 2011.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de C. Etnomusicologia e estudos musicais: uma contribuição ao estudo acadêmico do jazz. **Revista Nupeart**, v. 4, p. 59-88, 2006.

Portal da Transparência. Disponível em: <<https://portaldatransparencia.gov.br/orgaos-superiores/42000-ministerio-da-cultura>> Acesso em: 16 de mai. de 2023.

RÁDIO CULTURA FOZ. Festival de interpretação e composição com premiação para os três primeiros de cada categoria. Artistas iguaçuenses brilham durante o “Canta Foz”. Disponível em: <<https://www.radioculturafoz.com.br/2016/06/09/artistas-iguacuenses-brilham-durante-o-canta-foz/>> Acesso em 03 ago. 2023.

ROADIE CREW. Tumulto participa de tributo brasileiro ao Kiss. Disponível em: <<https://roadiecrew.com/tumulto-participa-de-tributo-brasileiro-ao-kiss/#:~:text=A%20banda%20Tumulto%2C%20de%20Foz,pelos%20norte%2Damericanos%20em%201982.>> Acesso em: 27 jan. 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO E PROJETOS ESTRATÉGICOS DE FOZ DO IGUAÇU (PR). Destino do Mundo. Disponível em: <<https://www.destino.foz.br/membros/painel-de-alvara-de-eventos/>> Acesso em: 19 dez. 2023.

SILVA, Delciane Martini. **FERCAPO: Festival Regional da Canção Popular no fim da Era dos Festivais**. Monografia de Especialização em História da Educação Brasileira, UNIOESTE/PR, 2006.

SINDHOTÉIS – Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://sindhoteisfoz.com.br/cidades-dos-brasil-em-numero-de-leitos/>> Acesso em: 18 dez. 2023.

\_\_\_\_\_ Inventário Turístico 2008 da Prefeitura de Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://sindhoteisfoz.com.br/total-aptos-suites-e-leitos-do-setor/>> Acesso em: 19 dez. 2023.

SMC - Sistema Municipal de Cultura. Disponível em: <<https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/#/site/pagina/smc>>. Acesso em: 31 jul. 2023.

SOUZA, I. F. REPERTÓRIO ANCESTRAL FRONTEIRIÇO: TAMBORES EM DIFUSÃO (2020) E MEDIAÇÕES EM CONTEXTO DE PANDEMIA. Trama, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 43, p. 58–67, 2023. DOI: 10.48075/rt.v18i43.28369. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/28369>> Acesso em: 22 dez. 2023.

STRAW, Will. Cenas culturais e as consequências imprevistas das políticas públicas. SÁ, Simone Pereira de; JANOTTI JR., Jeder (Org.). Cenas Musicais, v. 1, 2013.

UBC. **Cover ou autoral, o dilema de uma banda que busca espaço em bares**. Disponível em: <<https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/21436/cover-ou-autoral-o-dilema-de-uma-banda-que-busca-espaco-em-bares>> Acesso em: 29 jul. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ. Premio Memorial de Vivencias Disponível em: <<https://www.unespar.edu.br/projetos/premio-memorial-de-vivencias>> Acesso em: 04 ago. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. DECRETO No 28.612, DE 9 DE OUTUBRO DE 2020. Disponível em: <[https://portal.unila.edu.br/programas-pos-graduacao/biociencias/arquivos/PMFI\\_Decreto\\_2020.28612\\_covid19\\_apoio\\_cultura\\_regulamento.pdf](https://portal.unila.edu.br/programas-pos-graduacao/biociencias/arquivos/PMFI_Decreto_2020.28612_covid19_apoio_cultura_regulamento.pdf)> Acesso em: 04 ago. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. Festival da Cultura da Unila (FeCult). Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/noticias/festival-de-culturas-para-a-integracao>> Acesso em: 20 de dez. 2023.

VALENÇA (RJ). Prefeitura Municipal. Disponível em: <<https://www.valenca.rj.gov.br/paragraph-from-around-the-world-in-80-days/>> Acesso em: 20 de mai. de 2023.

VILELA, I. Nada ficou como antes . **Revista USP**, [S. l.], n. 87, p. 14-27, 2010. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i87p14-27. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13827>. Acesso em: 10 jul. 2023.

WIKIPÉDIA. **Roadie**. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Roadie#>> Acesso em: 16 jan. 2024

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2011.

YOUTUBE. Canal da Anicerl. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Ckia5BsK34>> Acesso em: 27 de jan. 2024

YOUTUBE. Canal de Gilberto Gil. **Gil Ministro da Cultura em Paraty/2003 (Reuters)**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qeb2L3oZpzc&t=28s>> Acesso em: 12 jan. 2024

## APÊNDICE

### Questionário dos entrevistados - Artistas

1. Quem é (entrevistado)? Qual a sua origem e como surgiu a música na sua vida?
2. Existe música iguaçuense? Se existe o que é música iguaçuense?
3. Você se considera um músico iguaçuense?
4. Sua música é iguaçuense?
5. Em qual gênero musical sua música pertence e por quê?
6. Quais as maiores dificuldades ou obstáculos na produção e divulgação das suas músicas?
7. Quais elementos caracterizam uma música/produção local?
8. A sua música atende a indústria do turismo?
9. Como se relacionam em Foz do Iguaçu a indústria do turismo e o setor cultural?
10. Existe alguma relação entre o corredor turístico de Foz e a realidade dos bairros? Se sim, como se dá. Se não, quais os prejuízos para a vida cultural da cidade?
11. Como você avalia o novo formato de contratação da Fundação Cultural?
12. Como você avalia a acessibilidade das políticas públicas do município?
13. Você usa as redes sociais para divulgar a sua música/produção?
14. As plataformas digitais estão tirando muitos músicos do anonimato?
15. \*Underground ou \*mainstream? Cultural ou mercadológico? Em que direção sua música aponta?
16. O chamado “mainstream” é seletivo e direcionado para um público específico?
17. A imprensa local dá espaço para as produções locais? É de fácil acesso os meios de comunicação da cidade? As rádios de Foz do Iguaçu abriram espaço para as suas canções?

\*Mainstream – Gosto da maioria da população, produto midiático.

\*Underground - Produção independente.

Uma diferença notória entre os dois termos é a reprodução por bandas covers das músicas das grandes produções e não das músicas dos independentes

### **Questionário dos entrevistados – Estúdios**

1. Quem é (entrevistado)? Qual a sua origem e como surgiu a música na sua vida? E a produção musical?
2. Existe música iguaçuense? Se existe o que é música iguaçuense?
3. Você se considera um músico/produtor iguaçuense?
4. Quais as maiores dificuldades ou obstáculos na produção das músicas locais?
5. Quais elementos caracterizam uma música/produção local?
6. Autoral ou cover, artística ou publicidade, qual é a maioria das produções no estúdio?
7. Como se relacionam em Foz do Iguaçu a indústria do turismo e o setor cultural?
8. Existe alguma relação entre o corredor turístico de Foz e a realidade dos bairros? Se sim, como se dá. Se não, quais os prejuízos para a vida cultural da cidade?
9. Como você avalia a acessibilidade das políticas públicas do município? Os editais têm movimentado a produção do artista local?
10. Você usa as redes sociais para divulgar as produções do estúdio?
11. As plataformas digitais estão tirando muitos músicos do anonimato?
12. \*Underground ou \*mainstream? Cultural ou mercadológico? Em que direção as produções realizadas no estúdio apontam?
13. O chamado “mainstream” é seletivo e direcionado para um público específico?
14. A imprensa local dá espaço para as produções locais? É de fácil acesso os meios de comunicação da cidade? As rádios de Foz do Iguaçu abriram espaço para as produções locais?

\*Mainstream – Gosto da maioria da população, produto midiático.

\*Underground - Produção independente.

Uma diferença notória entre os dois termos é a reprodução por bandas covers das músicas das grandes produções e não das músicas dos independentes